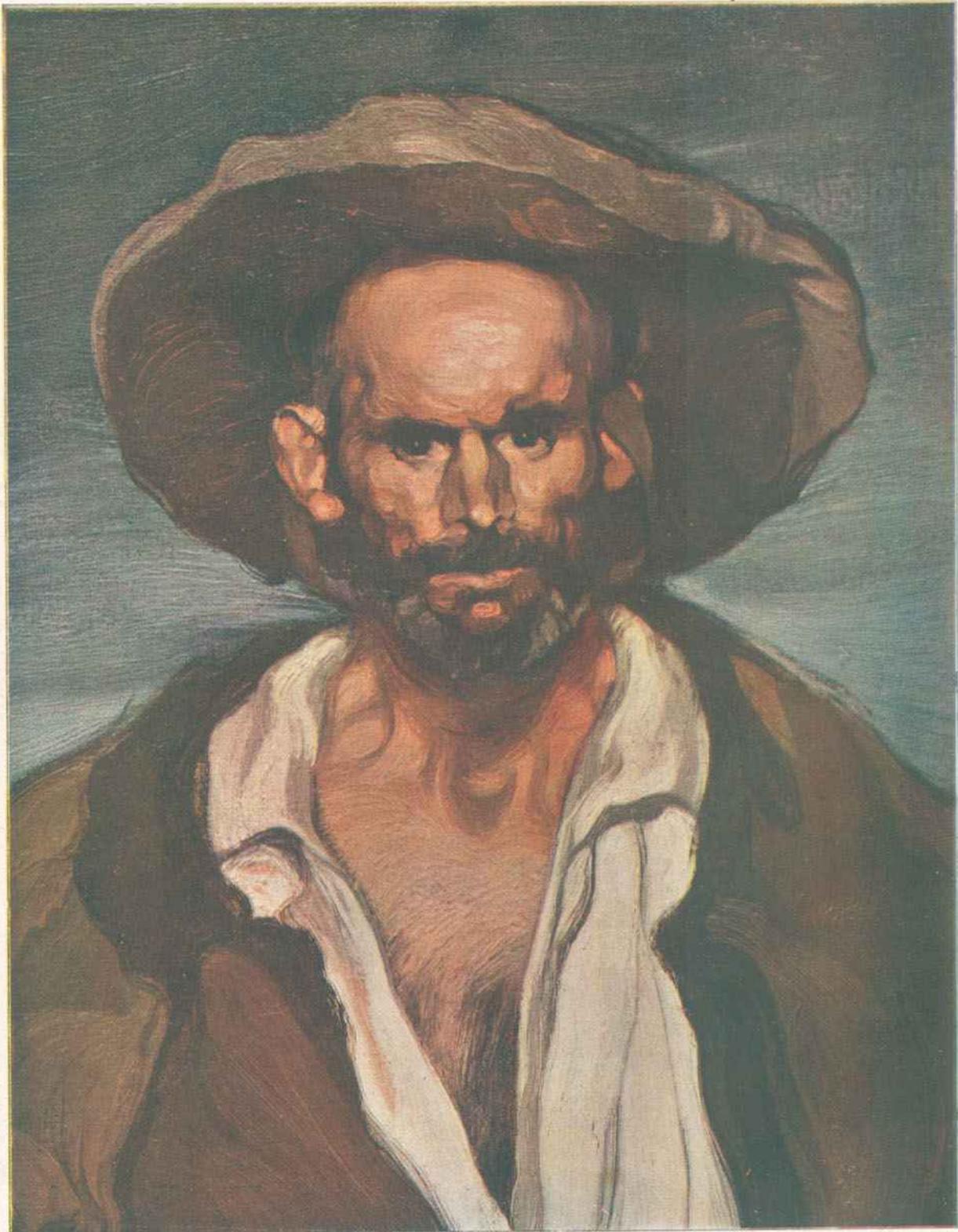


ILUSTRAÇÃO



SEGOVIANO

(Quadro de Zuloaga)

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FERIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRAN-
NICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HELICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand

S. A. R. L.

Editor: Francisco Amaro

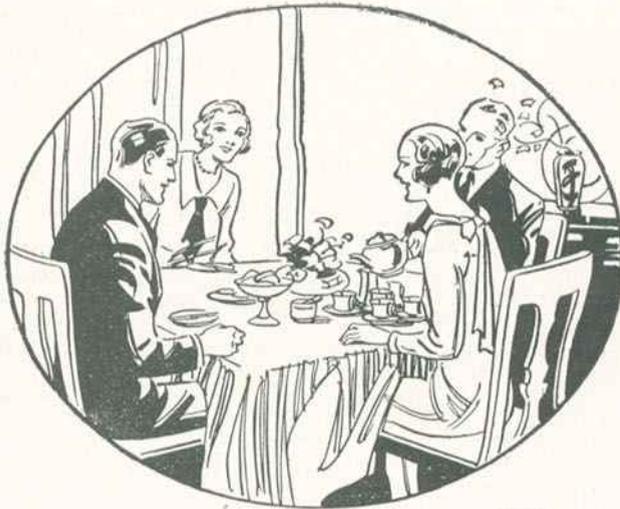
Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL,
Rua da Alegria, 100—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português.	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias.	—	63\$00	126\$00
(Registada).	—	67\$50	135\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



CONSELHOS ÚTEIS

PARA TIRAR A COR AZUL ÀS PEQUENAS PEÇAS DE AÇO

Basta passar sobre o objecto a que se quer tirar a cor azul um pouco de ácido clorídrico ou oxalico, lavar muito bem e limpar com todo o cuidado. Ou então, passar pelo objecto tinta de escrever e friccionar com medula de sabugueiro.

O VERDADEIRO ACOANHAMENTO

completa-se oferecendo um chá.
Para que esse acto marque pelo bom gosto de quem o oferece, é preciso que o chá seja «HORNIMAN».

Porque no chá «HORNIMAN» encontra-se uma delicadeza de paladar, um perfume e uma fragancia, que o distinguem de todos os outros.

O chá «HORNIMAN» é um conjunto de qualidades extras, de origens varias, que o fizeram celebre em todo o Mundo. Nenhum mais puro nem mais saboroso.

O chá «HORNIMAN» é tambem o mais economico, porque, com menos quantidade do que qualquer outro, fará um bule de infusão deliciosa.

Adicionando-lhe algumas gotas de leite, na chavena, torna-lo-á delicioso.



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estou com 7 annos 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente à Academia Scientifica de Beleza—Av. da Liberdade, 35—Lisboa.

CHÁ HORNIMAN

Que se obtem em todos os estabelecimentos, mas somente em pacotes de 14—50—125 e 250 gramas.



DICIONÁRIO

DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira

Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cerca de 100 págs. 7\$00

PRECIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —



Porquê?

Não ha razão para suportar resignadamente essa terrivel dôr de dentes! Com um ou dois comprimidos de Cafiaspirina verá que pronto alivio. E nenhum mal fará ao seu organismo.

Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA



ULTIMOS EXEMPLARES

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441 gravuras, cartonado 10\$00
 Encadernado luxuosamente 18\$00

34.º — ANO — 1933

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

**Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

COLECCÃO FAMILIAR

VOLUME BROCHADO
Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico suggestivo interesse, offerecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seducções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de familia, educadora de filhos e eserinio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da vida. Em volta dum testamento. Pequena rainha. Dívida de honra. Casa de Familia. Entre espinhos e Flôres. A estátua velada. O grito da consciência. Romance de uma herdeira. Pedras vivas. A pupila do Coronel. O segredo de um berço. A Vila das Pombas.

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
 PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

2.ª EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
 broch. 10\$00

Pedidos á

S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80
 LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINIOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

CIMENTO ARMADO

2.^a edição

Propriedades gerais. Materiais usados: o metal, o betom. Resistência dos materiais. Cálculo do cimento armado. Pilares, vigas e lages. Aplicações: Alicerces, pilares, paredes e tabiques. Muros de suporte. Sobrados, lages e vigas. Coberturas e terraços. Escadas. Encanamentos. Reservatórios e silos. Chaminés. Postes. Abóbadas e arcos. Casas moldadas. Outras aplicações. Fórmulas e moldes. Assentamento das armaduras. Execução do betom. Betoneiras e outras máquinas. Organização dos trabalhos de betom armado. Regulamentos, etc., por *João Emilio dos Santos Segurado*.

1 volume de 632 pág., com 351 grav.,
encadernado em percalina..... **25\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

OS QUIOSQUES DOS TELEFONES

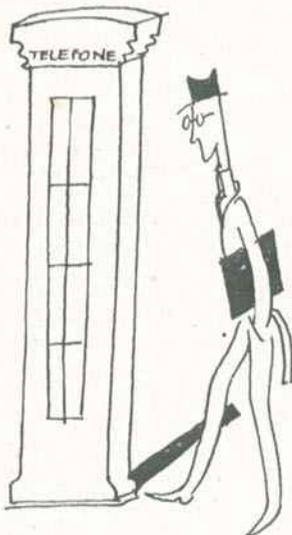
ou
uma Companhia que deseja agradar a todos



Inaugurou a Companhia nas ruas da capital estes quiosques para as pessoas que à vontade desejem falar ao telefone.



Mas teve de mandar fazer algumas doutro modelo...



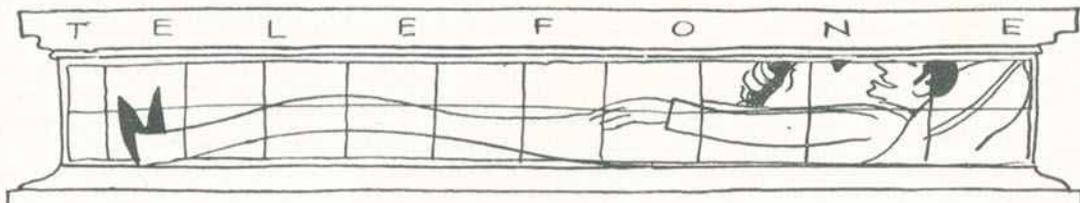
e atender as reclamações das pessoas altas...



e das pessoas importantes.



Um caso sem solução



e as **cabines** para os que falando durante horas com **-aquela pessoa-** precisam de algumas comodidades.

Mas se não estiver ainda satisfeito... o melhor é instalar um telefone em sua casa; é uma bagatela, uma pequena mensalidade...

Dirija-se à Companhia dos Telefones — Rua Nova da Trindade, 43

Crónica da Quinzena

FECHARAM os bancos, decretaram a moratória, deixou de cotar-se o dólar. E o sol não mudou de côr, nem os cães romperam a uivar. Leu-se a notícia de manhã no jornal e ninguém sentiu empache ao engulir o café. Foi como se nada de excepcional tivesse acontecido.

— A América cerrou a porta da loja, a pretexto de obras urgentes.

— Ah! sim?... Olha que bonita rapariga desce daquele carro.

E a conversa segue outro rumo.

Habituaamo-nos à queda das fortunas, ao desaparecimento da vergonha, aos terremotos, às revoluções, como à alternância da chuva e do bom tempo. Não se estranha que da manhã para a noite se inverta o lugar e o nome das coisas ou pessoas, o sentido das palavras, o valor, ou préstimo de quanto existe. Um rei foge do trono a noventa quilómetros à hora, outro mercadeja a reacquirição do que perdera, um terceiro pode confessar-se anarquista, republicano, comunista, sem causar estranheza. O mundo está assim volúvel, surpreendente, um folhetim de aventuras, com imaginativa que excede os romances mais popularizados.

Quem sabe até se daqui provém o desapêgo notado por leituras que tanto agradaram às gerações precedentes. A vida real oferece imprevisito mais emocionante que as fábulas de Dumas, de Sue, de Doyle. Não vale a pena procurar nos livros, nos teatros, no cinema, em ficção, o que se encontra abundante e de melhor marca nos sucessos de cada dia.

A América com a ciência, a técnica, o ouro, a terra, a população de cento e vinte milhões, com a bastança e o topete para se declarar um mundo à parte, desligado do resto da humanidade, atrevera-se a anunciar a descoberta da felicidade perpétua, o fim da pobreza, a reconquista do paraíso. E, palavras não eram ditas, quanto indicára como adquirido para sempre, deforma-se e desaparece que nem blóco de neve ao sol.

Qual o fabulista capaz de conceber enredo mais seductor?

Espremeram-se os engenhos holywoodistas à procura de entrecchos originais

para fornecer aos basbaques do mundo inteiro; e afinal, sem pena ou esforço, por colaboração involuntária do numerozo compatriota, depara-se-lhes o filme mais estranho de quantos em anos e anos conceberam os fornecedores dos estudos.

Depois dos arrepios causados pelos contrabandistas do alcool aparecem os provocados pelos banqueiros e pelos miliardarios. Já não é permitido exportar aquelas aguias de ouro que os carneiros ricos penduravam na corrente do relógio; e o imenso Ford, esse mesmo que compoz e a todo o momento cantava o hino da America redemptora da miseria, começa a preocupar-se com o dolar de amanhã para pagar salarios devidos. Já se bebe cerveja, já se desconfia da moeda U. S. A., já ninguém quer embarcar para Nova-York.

Que mais pretende o desocupado, o vadio dos cafés europeus, a menina que não encontra noivo, para encher os ocios e matar o tedio?

Se amanhã nos disserem que o Papa se fez mahometano, ou que Estalin entrou para um convento de Roma, não nos cairá o queixo de espanto.

Diremos sómente, que a fita iniciada apresentou mais uma parte, onde se contém nova e abundante explicação do misterio que preocupa os Estados, conhecido por a grande crise, ou grande loucura manifesta no geral da humanidade.

Que resultará do acto espectacularo acabado de representar na U. S. A.?

Um acrescimo do confusioismo e da desconfiança que gerou a inquietação dos mercados e das economias publicas. E resultará tambem uma lição para a soberba americana que de uma vez para sempre ficará ciente de que ninguém pode dizer "desta agua não beberei".

Pobre dela que vai beber inflação, quebra de moeda, como já bebeu o desemprego, a fome, os tresentos mil adolescentes vagabundos, sem familia, sem pão, sem escola, eguais aos da Russia e Alemanha.

Parece que, depois disto nada mais é preciso para demonstrar a fragilidade de

todos os regimens e sistemas sociais, como da propria civilização.

Os alemães por outra via fazem o mesmo que os americanos. Aos encontros, dando com a cabeça pelas paredes buscam a abertura para saírem da situação aflitiva em que se acham.

Procuram imitar a Itália, persuadidos da semelhança do seu apuro, com o proposto aos combatentes da marcha sobre Roma. Vestiram uma camisa de côr, adotaram a sewastica, ou cruz anseada em vez do feixe litório, saúdam-se à romana; e muitos acreditarão que assim reproduzem o fenómeno ocorrido nas margens do Tibre.

A parte cruenta aceitamos que a executem. Já os camisas cinzentas matam e são mortos, no prolongamento de uma guerra civil há anos começada e que não se sabe quando terminará. A dúvida apresenta-se com relação ao mais, vem a ser a transformação dos hábitos, costumes e mentalidade do povo, mais o aparecimento de um novo sistema social.

Esta segunda parte saída da revolução italiana, feita com gente romana, de tempos imemoriais, criadora de direito, dotada de génio político, devemos supô-la mais difficil de encontrar pelo alemão que nesse distrito da intelligência sempre se revelou negativista, destruidor, incapaz de inventar um princípio activo, gerador de paz e bem estar colectivo.

Veremos os nazis abater a constituição de Weimar e daí não resultará perda porque uma constituição improvisada, obra de letrados, trás sempre comsigo o peccado original que a condena.

Aonde havemos de medir-lhe o engenho e capacidades, é na construção dos elementos que devem estruturar o novo Estado.

Aí reside o ponto melindroso para esse, como para todos os que se metem a fazer autênticas revoluções, quer dizer, a inventores e edificadores de política.

O povo germânico fica dêste modo registado como um bom aperitivo da curiosidade para estudiosos.

HITLER

o homem do dia na Europa



EM CIMA: Hitler quando a propaganda do «nazismo» era mais intensa



Diversas atitudes de Hitler num dos seus recentes discursos



rou este facto como uma vitória retumbante e inesperada. De 39.289.854 listas entradas em todo o Reich, 17.264.323 foram a favor de Hitler. A concorrência às urnas, em Berlim, foi grande. Em muitas secções de voto atingiu 85 por cento.

Pela primeira vez na história da Alemanha, os alemães com domicílio permanente no estrangeiro tomaram parte no acto eleitoral. Para isso depositaram os seus boletins de voto na localidade alemã mais próxima da sua residência. Nas regiões fronteiriças estavam organizados serviços especiais de transportes para este efeito. 15 a 20 % dos alemães que vivem na Checo-Eslováquia votaram, deste modo, na Alemanha, bem como grande número de alemães de Viena e da Austria oriental, vindos em comboios especiais a votar, na Baviera, onde foram saudados com grande ovações.

graú» aparentemente sem armas. Nos bairros excéntricos dominava nitidamente o elemento «nazi». As tropas hitlerianas chegaram de toda a parte, em comboios e camiões.

No dia 4, um grupo de 400 homens das tropas de assalto racistas, penetrou na Câmara Municipal de Hamburgo e ocupou-a. O chefe das tropas racistas de Hamburgo, Kaufmann, apareceu a uma varanda, acompanhado de outros chefes hitlerianos, e pronunciou uma curta alocução. O ministro do Interior do Reich ordenou à policia que entregasse imediatamente o Poder Executivo ao senador Richmer, membro do partido hitleriano.

Em Berlim, houve também acontecimentos graves, figurando entre eles o assalto à Câmara Municipal, onde foi hasteada a bandeira do Império. A policia interveiu. Houve colisão de que resultou haver setenta prisões.

O jornal «Federation» publicou um telegrama do seu correspondente em Doorn, no qual se diz que o ex-kaiser ficou desapontado com a diminuição dos votos do Partido de Hugenberg. O ex-kaiser desejava, de resto, regressar à Alemanha como simples particular unicamente. Para isso é preciso uma autorização que sua esposa, a princesa Herminia, actualmente em Berlim, se esforça por obter. O mesmo correspondente afirma que o ex-kaiser teve perdas consideráveis com a recente baixa da libra e que receia, presentemente, que a depreciação do dólar provoque a do florim.

Entrevistado por um jornal neerlandez, o marechal da casa do ex-kaiser, conde von Schwering, declarou que a informação dada pelo correspondente de «Vaderland» em Doorn era uma pura fantasia. Disse que o ex-kaiser não tinha abdicado e que não tinha sido celebrado qualquer conselho de família em novembro último. Também declarou que o ex-kaiser não tinha colocado os seus capitais em Londres e que não tinha sofrido perdas em consequência da depreciação da libra.

No seu último discurso, pronunciado pelo *Küldö*, recomendou aos membros do Partido Nacional Socialista que representem o partido não só por maneira honrosa mas também com dignidade.

—Hoje—exclamou Hitler—em que o próprio símbolo da totalidade do poder executivo se encontra nas mãos do Governo Nacional, começa a segunda fase da nossa luta. A partir de hoje, ordeno a todos vós a disciplina mais absoluta, a mais cega disciplina.

Terminou afirmando:

—Camaradas: durante 14 anos lutásteis pela Alemanha. Hoje o estandarte do nosso combate está oficialmente reconhecido. Vêem por aí onde os levou a disciplina e a submissão. Desconfiem sobretudo dos espíes e dos procuradores que o Partido Comunista fez entrar nas nossas organizações.

No dia seguinte às eleições, os «nazis» ocuparam militarmente a capital do Reich. Nas principais artérias, tanto no centro da capital como nos bairros excéntricos, era considerável a multidão. Berlim oferecia o aspecto de estar ocupado por um exercito, tão numerosas eram as forças hitlerianas. O desfile de 35.000 «Capacetes de Aço», foi aclamado, ao mesmo tempo que se cantava o «Deutschland Uber Alles» á passagem das bandeiras semelhantes ás do antigo exercito imperial. No centro da cidade viam-se os «felf-

HITLER — o homem do dia, não só na Alemanha, como na Europa — venceu as eleições. Alcançou 17 milhões de votos, obtendo 288 lugares no Reichstag, dos 648 que o constituem. Toda a imprensa alemã conside-

A Sé-Catedral de Lisboa

vai ressurgir no seu aspecto primitivo

UMA vasta e bem orientada obra de reconstrução se está realizando há tempo na Sé Patriarcal de Lisboa.

Na nossa época de vertigem e utilitarismo, repôr velhas construções na pureza original das suas linhas pode a muitos afigurar-se frivolidade de reduzido interesse.

Mas quem visite o vetusto monumento encajado no coração de Lisboa, quem acompanhe de perto toda essa actividade que traz á luz do dia os vestígios dum passado distante e quem conheça os episódios históricos que a este templo ficaram ligados, depressa reconhecerá que esse paciente trabalho de reconstrução é, pelo contrário, digno do interesse, do carinho e do incentivo de todos.

Quási oito séculos da nossa história decorreram já sobre este notável monumento. A sua construção está definitivamente provado poder-se atribuir a D. Afonso Henriques, logo após a tomada de Lisboa que foi levada a efeito em 21 de Outubro de 1147.

Diversos investigadores pretenderam fazer remontar no tempo a sua origem, dando-a como resultado duma transformação da mesquita onde, segundo rezam as crónicas, foi sagrado bispo de Lisboa D. Gilberto, um dos cruzados normandos que auxiliaram o fundador da nossa pátria na conquista de Lisboa e que por suas virtudes e coragem muito se distinguiu. A verdade porém é que nenhuns vestígios existem a corroborar essa opinião. Parece, portanto mais lógico que a igreja tenha sido assente em fundamentos próprios. O que não exclui, contudo, a hipótese de ter sido aproveitado o local da primitiva mesquita por se prestar, pela sua situação, á futura defesa de Lisboa.

Neste seu período inicial a Sé de Lisboa é um notável monumento do estilo românico que pode com segurança ser filiado na escola da Normandia, como o atestam as suas características, reforçadas ainda pela circunstância de ser um normando o seu primeiro bispo, o que leva a crer que entre os companheiros da cruzada tinha sido escolhido o architecto que traçou os planos da construção.

Compunha-se a Sé, nessa primeira fase, duma planta de três naves, com cruzeiro. A nave central ia terminar numa ábside e as laterais em duas absidiolas. A fachada, de architectura muito simples era formada por um nartex ou pórtico entre duas elevadas torres. Sobre o nartex assentava um terraço, cuja parede do fundo era formada por uma grande rosácea.

Mais tarde, nos princípios do século XIV, foi-lhe acrescentada uma grandiosa charola, em estilo gótico, de que só restam o deambulatório e as capelas absidais. Tudo o mais foi destruído pelos sucessivos ter-

ramotos que, no decorrer do tempo, convulsionaram o solo da capital.

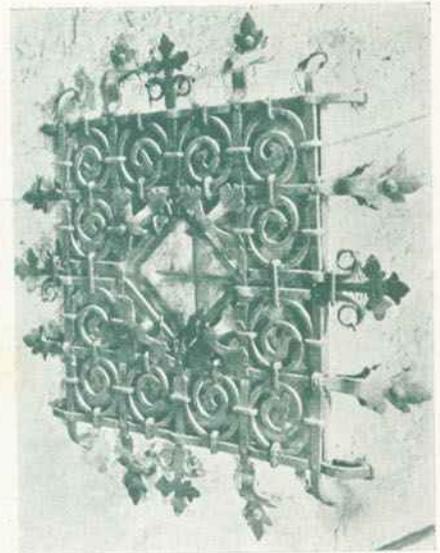
São estes os dois períodos construtivos mais importantes do notável monumento. Após eles deve a Sé de Lisboa ter ficado com o aspecto esplendoroso duma grande catedral, constituindo um exemplar único no nosso país.

Um pormenor curioso que impressiona ao primeiro olhar quem admira o exterior do monumento é o seu aspecto de fortaleza que lhe imprime um tão especial caracter. É que a Sé pertence á época remota em que a ciência militar e a religião se aliavam na defesa do património da raça.

De facto, a construção constitui uma verdadeira fortaleza rodeada como está por grossas muralhas cobertas de ameias — agora reconstruídas — e rematando na face voltada ao poente pelas duas altas torres que dão á sua fachada uma tão acentuada expressão.

Colocada a curta distância do rio, numa encosta que domina a margem, a sua função era nesse tempo a duma atalaia vigilante, com seus religiosos sempre prontos a trocar as práticas litúrgicas pelo manejo das armas.

No decorrer dos séculos, foi a Sé sofrendo numerosas reparações e modificações que por completo alteraram o seu primitivo aspecto. Ainda há pouco tempo, quem penetrava no interior do



Local onde, segundo a tradição, Santo António de Lisboa traçou com o dedo o sinal da cruz que ali ficou para sempre gravado

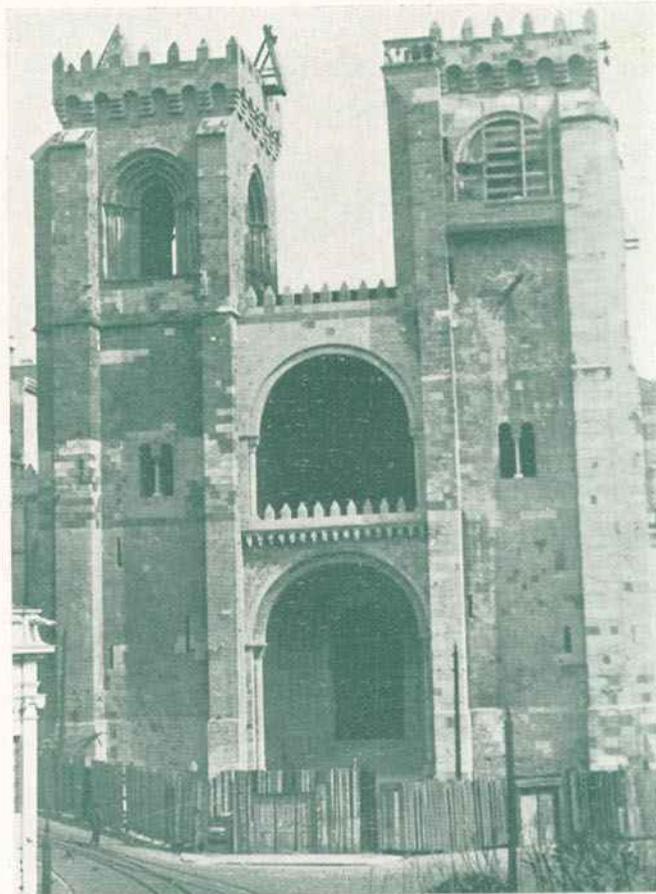
templo nenhum vestígio descortinava da construção de D. Afonso Henriques. Toda a estrutura primitiva, duma majestosa e fria imponência, em que o vigor e a simplicidade das linhas supriam a pobreza de ornatos, desaparecera em virtude das reparações sucessivas feitas durante sete séculos, e que os terremotos, sobretudo, tornaram necessárias.

O vasto arcabouço de pedra mandado erguer por D. Afonso Henriques jazia sepultado e já ignorado sob camadas sucessivas de entulho, de reboco, de estuques com que se pretendia embelezá-lo e reparar os estragos do tempo e da natureza.

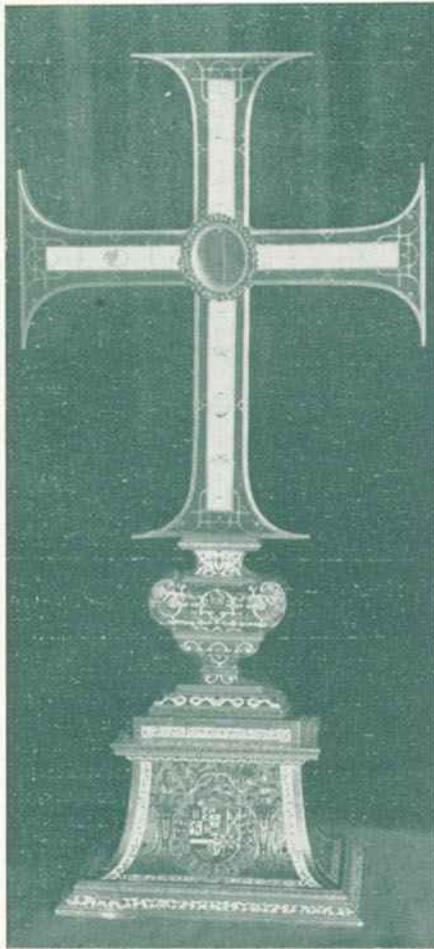
Trazer de novo á luz do dia essas pedras veneráveis, despojando-as do revestimento inútil e inartístico que as envolve e recompondo a nobre severidade das suas linhas, tal era a tarefa que incumbia a uma reconstrução racional. Tarefa que, devemos dizê-lo, apresenta espantosas dificuldades e faz surgir uma série de problemas arqueológicos e architectónicos de quasi impossível solução.

Já nos últimos tempos da monarquia a reconstrução fôra tentada. Empreendeu-a o ilustre architecto Fuschini, cuja acção merece louvores sem reserva na parte que se refere á desobstrução do monumento, a cujos fortes lanços de muralha se haviam arrimado grande número de habitações humildes. Não foi, porém, tão feliz no que diz respeito a reconstrução em que há erros de critério evidentes.

Assim, não tendo ainda a estrutura primitiva sido revelada pelas escavações, Fuschini viu-se forçado a criar arbitrariamente certos pormenores das suas construções, entre outros uma janela situada no lado esquerdo do transepto, que foge em absoluto ao carácter architectónico do monumento. Além disso, como uma das



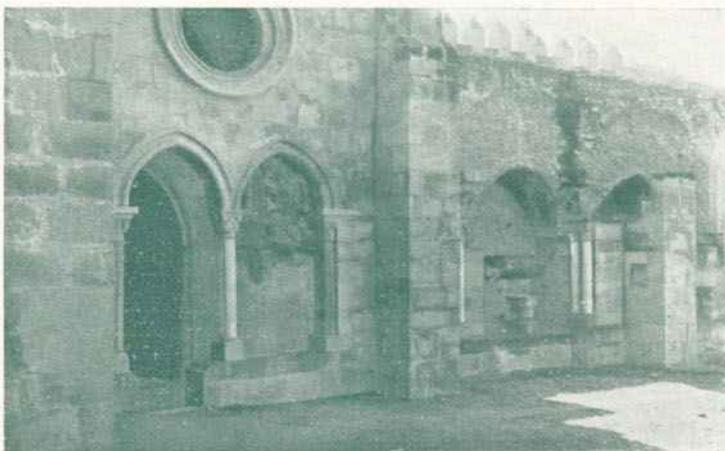
Fachada da Sé Patriarcal de Lisboa



Preciosa cruz felipina existente no tesouro da Sé

capelas absidais da charola se encontrasse escavada na muralha, rompeu esta e fez construir a face exterior da capela que não existia. Embora no seu conjunto este pormenor seja agradável à vista o facto de quebrar a continuidade da muralha que em todos os tempos envolveu a Sé, constitui um erro incompatível com uma reconstrução racional.

O mesmo se pode dizer do pormenor mais visível do seu trabalho — a agulha com que fez rematar a torre norte e que foi há pouco tempo apeada por não oferecer solidez. Dum aspecto elegante, essa agulha não correspondia contudo aos antigos coruchêus que, segundo se vê no



Trecho arruinado do claustro cuja reconstrução se está realizando

desenho ingénua dum selo de D. Afonso IV, punham outrora remate às torres.

Para mais, no assentamento desta agulha, teve Fuschini necessidade de alargar a base formada pela plataforma da torre, construindo as ameias em saliência sobre a muralha. Donde resulta que, ainda mesmo depois de apeada a agulha, perderam as torres o seu aspecto primitivo e ficou diminuído o expressivo vigor das suas arestas vivas. Restaurar essas ameias na sua forma original é um dos fins que a actual reconstrução deve ter em vista.

Sobre o estado de trabalhos agora empreendidos e a sua futura orientação cumpria-nos ouvir o architecto António do Couto de Abreu, a cuja elevada competência está confiada a reconstrução.

Fomos arrancá-lo à constante actividade do seu gabinete de director dos Monumentos Nacionais do Sul, depois de obtida a promessa de nos servir de amável e erudito cicerone numa curta visita à Sé.

O nosso entrevistado conduziu-nos ao terreiro ladeado de ameias que domina o rio e forma a parte superior do claustro de D. Deniz. Nesse local, onde a vista abrange alguns dos mais curiosos aspectos da Sé, vai-nos fazendo a história da construção do monumento, descrevendo as sucessivas transformações por que elle tem passado, enumerando factos reveladores duma sólida erudição e dum profundo conhecimento de tudo que com a Sé se prende.

Falando da fundação do monumento:

— Quem teria sido o architecto, o mestre da sua traça? Segundo o meu parecer, já dado algumas vezes, não me repugna acreditar que o tivesse sido algum cruzado normando que, vindo na frota de D. Gilberto, como era de uso nesses tempos, se prontificasse a executar o plano nos moldes dessa escola da Normandia, cujas características dadas pelo notável architecto espanhol Lamperez y Romea na sua «História de la Arquitectura cristiana» tanto se aproximam das da Sé. O mesmo architecto o confirma quando fala dos meios de propagação desse estilo que attribui primeiro aos monges, depois aos comerciantes e peregrinos e por último aos normandos que com a extensão das suas viagens desde a Escandinávia à Síria muito contribuíram para a difusão dessa arte...

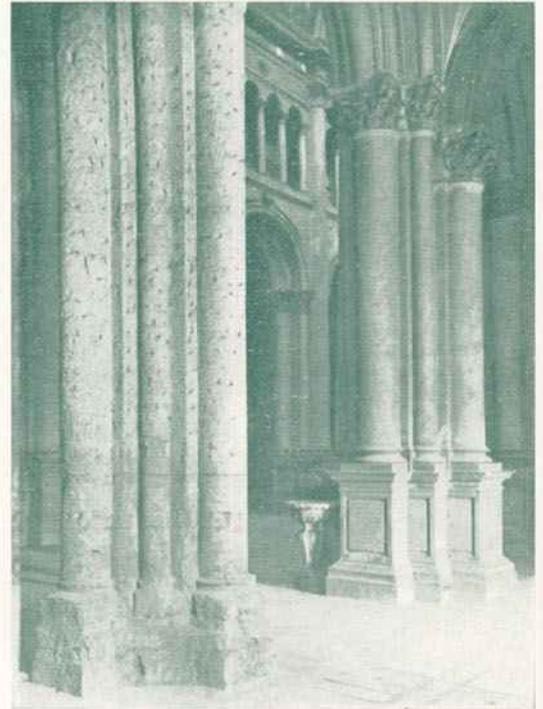
Faz-nos em seguida a história dos terramotos que tão fundos estragos causaram no arcabouço robusto da Sé: o de 1344 que destruiu a capela-mór, mais tarde reconstruída por D. Afonso IV; o de 1356 que de novo arruinou a capela-mór, reedificada

desta vez por D. João I, e ainda o de 1755, violentissimo sismo cuja trágica recordação perdura ainda em nossos dias.

Descemos ao claustro por uma estreita escada de ferro, em caracol, que substitui a primitiva de pedra. O nosso erudito cicerone faz-nos admirar a magnífica grade românica colocada a um dos topos do claustro.

— É um documento archeológico de enorme valor — diz-nos. — E bastante raro não só em Portugal mas até em França, onde as catedrais do período românico abundam.

Visitamos em seguida a capela da Senhora da Terra Solta, célebre por nela ter Frei Miguel Contreiras instituído a primeira Misericórdia em



Colunas do templo, vendo-se à esquerda despojada do revestimento do estuque que as cobre desde o século XVI

Portugal, por iniciativa da rainha D. Leonor. Os trabalhos de reconstrução ainda não chegaram até aqui, aparte o desentulhamento do claustro que pôs a descoberto o pavimento primitivo até então sumido sob uma camada de destroços com mais de meio metro de altura. Entretanto, António do Couto vai-nos explicando como a restauração se fará.

Entramos depois na oficina de canteiro onde a grande rosácea destinada à fachada está sendo reconstituída. Infatigável em nos esclarecer, o ilustre architecto mostra-nos como uma feliz série de achados de fragmentos permitiu fazer reviver em todo o seu rigor a rosácea há muito destruída.

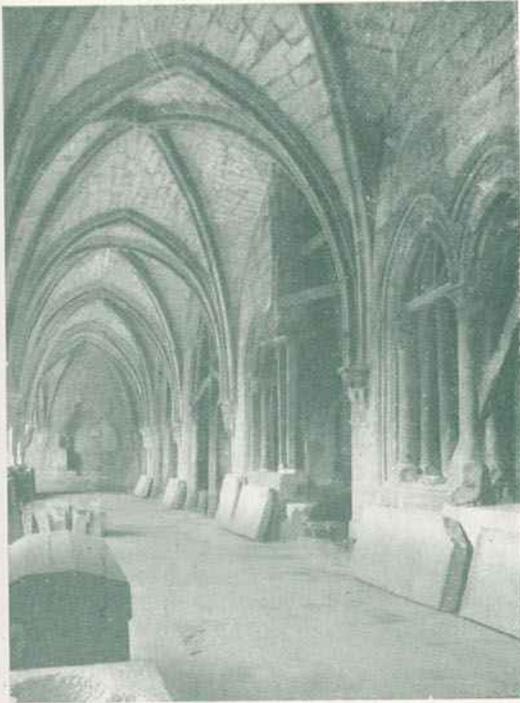
Conduz-nos em seguida ao interior do templo, fazendo-nos visitar as capelas absidais da charola de D. Afonso IV agora reconstituídas e decoradas com vitrais de agradável efeito. Ao longo do deambulatório as investigações têm posto a descoberto no dorso da capela-mór os pormenores da decoração românica que mais tarde serão restaurados.

No cruzeiro é onde os trabalhos revestem agora maior interesse. Toda a parede do braço voltado ao sul tem sido escavada até se encontrarem os fundamentos da architectura de D. Afonso Henriques. Do efeito que essa parte da igreja

oferecerá depois de restaurada pode já fazer-se uma ideia pela parede da nave esquerda onde a arquitectura primitiva foi já reconstituída.

Das colunas que sustentam as abóbadas das naves uma foi despojada do seu pretencioso revestimento de estuque terminado por capiteis da ordem coríntia, e revela agora, em toda a sua expressiva sobriedade, a primitiva feição. Vislumbram-se-lhe ainda vestígios do capitel românico de escassos ornatos. Mas, crivada como está de pregos destinados a fixar o estuque, a restauração dos cinco renques oferece dificuldades enormes.

Passamos agora ao adro, onde o ilustre cice-



Interior do claustro onde as escavações puseram a descoberto o pavimento primitivo e numerosas louças funerárias

rone nos vai elucidando sobre as importantes obras realizadas na fachada do edifício. Aqui as escavações e desentulhamentos levaram à descoberta da escadaria primitiva e do arco românico do pórtico, cuja restauração está terminada.

Despojada dos pretensos aformoseamentos de D. João V, a fachada oferecerá, pois, dentro de breve tempo, o aspecto quanto possível exacto que teve na sua fundação.

E o architecto António do Couto dá-nos a seguinte notícia que representa o coroamento desta primeira fase das obras da Sé:

— Antes do fim do mês deve ser retirado o tapume que agora cerca o adro e a fachada do templo ficará então livremente exposta nas suas linhas primitivas.

Como a nossa atenção se tenha fixado numa das torres, o ilustre architecto recorda um episódio histórico que a ela se encontra ligado:

— Foi por uma janela desta torre norte que o povo de Lisboa amotinado arremessou à rua a D. Martinho, 25.º bispo de Lisboa, por este se recusar a fazer os sinos da Sé tocar a rebate. Foi isso na ocasião da morte de Andeiro e parece que a recusa do bispo foi motivada por este pertencer ao partido de

D. Leonor Teles tendo-lhe essa tendência política custado, portanto, a vida.

A seguir a conversa desvia-se, sem transição, para o campo dos números.

Interrogamos o nosso entrevistado sobre as condições financeiras da continuação das obras, ao que elle responde:

— Tem-nos sido atribuída no orçamento do Estado uma verba de duzentos contos, soma muito apreciável cuja obtenção se deve ao sr. engenheiro Gomes da Silva, director geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais da Região do Sul, que a estas obras tem dedicado sempre um cuidadoso interesse. Pode dizer que sem a sua persistente acção em favor da restauração da Sé nunca esta teria sido possível.

— Quando terminarem as obras — inquirimos.

António do Couto tem um encolher de ombros impreciso.

— Sabe-se lá! Há tanto que fazer, tanta dificuldade a vencer, para algumas das quais ainda não encontramos solução...

E com estas palavras se despediu, para voltar aos seus afazeres que o reclamavam com urgência. Nós entramos, de novo, no templo evocando a rude majestade que elle terá no dia em que os últimos vestígios do barroco e do clássico tiverem cedido o lugar às linhas severas da catedral românica. Estava terminado quanto tínhamos a saber sobre os trabalhos de restauração. Mas há na Sé outros motivos dignos de suscitar o interesse do entendedor e do leigo e a esses quisemos dar rápida visita.

Referimo-nos ao tesouro da Sé onde se encontram depositadas duas jóias dum raro valor. Uma, a custódia toda fabricada de ouro e ornada com 4120 pedras preciosas, finíssimo trabalho de Joaquim Caetano de Carvalho, de que foi doador D. José I. Outra, a cruz felipina que data de 1583 e foi trinta e seis anos mais tarde oferecida por Felipe II de Espanha ao convento de Tomar. No mais puro estilo renascença, é obra

das oficinas alemãs de Augsburg e constitui um exemplar único no nosso país. Entre duas placas de cristal, rodeadas de magníficas pedras, tem um espinho que, segundo a tradição, pertenceu à própria coroa que cingiu a fronte de Cristo.

Para dar fim a este artigo, queremos ainda citar uma curiosidade da Sé, que a lenda popularizou. É a pedra onde que-re a tradição corrente que Santo António, o mais milagroso santo português, tivesse traçado com o dedo o sinal da cruz que ali ficou para sempre indelevelmente gravado.

Por tudo isto, bem merece a velha catedral de Lisboa uma

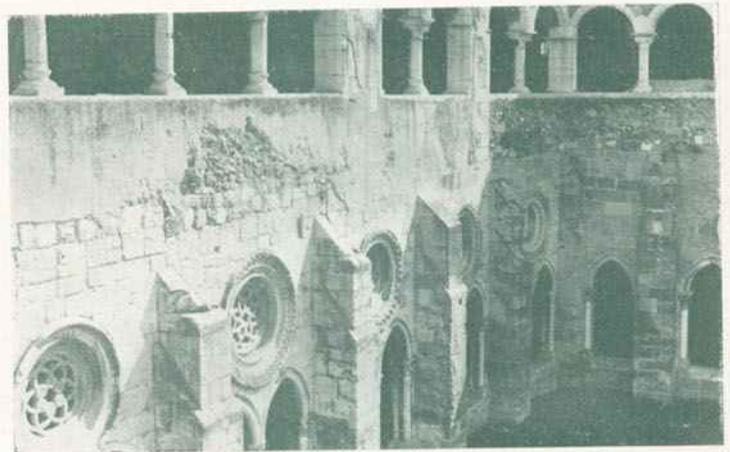


Custódia oferecida por D. José I ao tesouro da Sé de Lisboa

visita dos que se interessam pelas coisas do passado. E atrevemo-nos a recomendá-la ao leitor porque o venerável monumento, situado no coração da capital e cuja idade quasi se pode contar pela da fundação da nossa pátria, é escassamente conhecido dos que mais perto deles passam a existência.

O leigo e o entendido encontrarão decerto, no recinto da sua fortíssima muralha que o tempo e os terremotos pouparam da destruição, farto motivo de estudo e divagações. Porque a Sé de Lisboa é o mais antigo e um dos mais notáveis documentos que ilustram a história da nossa capital.

Manuel L. Rodrigues



Aspecto do claustro com que na época de D. Denis foi acrescentada a catedral

ACTUALIDADES



A PINHATA — No Gremio Alentejano realizou-se no último sábado, o «baile da pinhata» que decorreu com grande animação.



BENÇÃO DE PASTAR — A semana passada efectuou-se na igreja dos Mártires a cerimónia da bênção das pastas dos quintanistas católicos de direito e medicina. Presidiu o sr. Cardinal Patriarca, que proferiu um brilhante alocução.



BANQUETE DE DOMENAGEM — No Tavares, realizou-se há dias um jantar de homenagem ao presidente da Associação Industrial, sr. José Maria Alvares, oferecido pelos seus colegas da direcção, tendo havido discursos de elogio às qualidades do festejado.

Recorda-se o pintor Alves Cardoso

A PROPÓSITO DO TERCEIRO ANIVERSÁRIO
DA SUA MORTE

Há tres anos — fez no dia 10 — que a morte roubou à galeria dos pintores portugueses um grande artista: Alves Cardoso. Era um mestre. O seu nome não se deve esquecer. Recordemos, hoje, essa figura de reconhecido valor, que deixou uma obra e que desapareceu em plena mocidade, quando do seu talento muito havia ainda a esperar.

Em 1928 foi ao Brasil. Por lá se demorou oito meses. Expoz no Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, cêrca de cem quadros. Foi um êxito. Levou a Terras de Santa Cruz o bom nome da Arte portuguesa. Trabalhou muito. Teve inúmeras encomendas. Pintou numerosos retratos. Vendeu algumas das suas melhores télas. As suas palavras, ao deixar o Brasil, dizem bem da recepção que teve e da forma como foi acolhido:

— Vou deixar o Brasil. Não o posso fazer, sem dizer alto, através da imprensa amiga, quanto conservo em meu coração da ardente alegria e justa gratidão pela acolhida que recebi nesta maravilhosa cidade e quanto vibrei de entusiasmo ao verificar como se caminha para um brilhantissimo futuro próximo no campo das Belas Artes, que mais de perto conheci e onde me orgulho de ter um posto de entusiasta combatente, embora pequeno e modesto: neste novo e enorme país trabalha-se com tal ardor e actividade, na certeza de grandes triunfos, que não é difficil descortinar, o que êle será dentro em breve. Ao despedir-me dêste

brilhante pedaço de terra, quero abraçar todos os meus colegas, conscio do dever cumprido, como também de não ter envergonhado o meu Portugal querido, nem a classe a que me honro de pertencer. A minha ousada e linda aventura foi coroada do melhor êxito, grande parte da qual devo a toda a imprensa do Rio, não esquecendo as atenções que me dispensaram portugueses e brasileiros. Não tenho coragem de dizer adeus para sempre a esta abençoada terra, tanto desejo sinto de tornar a vê-la e apreciá-la, limitando-me somente a dirigir-lhe, com sinceridade, um "até à volta".

Alves Cardoso não voltou ao Brasil. A morte surpreendeu-o meses depois em Lisboa. Talvez o excesso do trabalho que por lá teve, talvez uma velha enfermidade que o vinha minando, o certo é que Alves Cardoso faleceu em março de 1930. Fez agora tres anos.

A *Ilustração*, desejando recordar o que é a obra do notavel pintor, vai transcrever uma parte dum artigo do nosso brilhante colaborador sr. dr. Sousa Costa, quando duma visita ao *atelier* de Alves Cardoso:

"Venho do "Atelier" do pintor Alves Cardoso. Venho de ver e admirar — mais como transmontano do que como artista — os quadros que o eminente pintor destina à sua próxima exposição do Rio de Janeiro. E devo afirmar, desde já, que se o



Alves Cardoso

homem da serra não se confessasse vencido pelo audaz e forte pincel em causa, o homem sensibilidade teria de jurar que raras vezes o pincel e a paleta, no seu consórcio de puro amor, deram à luz frutos de casta tão saborosa e aprimorada.

Frutos aprimorados e saborosos. Tão aprimorados e saborosos — agora entra a depor exclusivamente o transmontano — que mercê do seu sabor revivi um dos momentos supremos da minha passagem pelo Rio de Janeiro.

Apassionado da linha, a que dá todos os enlevos do namorado, por nobre a que o promoveram os grandes do Renascimento, sem lhe sacrificar o fluxo emotivo, como David, entregando-lhe só o necessário, como Ingrês, Alves Cardoso revela-se nos ao primeiro contacto um vigoroso e consciente desenhador.

Mas não é só um alto desenhista. A côr enfeitiça-o. A luz deslumbra-o. E não sacrificando nunca aos tons fulgurantes de Sarolla, não pactuando jámais com as sombras afiitivas de Zuloaga, surpreendendo a côr nas suaves sinfonias do meio termo, pedindo à luz o que ela contém de mais casto e de mais revelador, afirma-se discípulo legítimo do grande Mestre Carlos Reis — que o tem na conta dum dos expoentes máximos das suas virtudes de orientador.

Discípulo legítimo do Mestre, um dos traços salientes da sua fisionomia de artista está focado à maravilha na consciêcia das responsabilidades próprias e no culto activo da personalidade.

Da arte de Alves Cardoso pode escrever-se o que diz Raphael Domenech do luminoso pintor valenciano José Mongrell — o que promete exceder a volúpia estonteante do colorido de Sarolla, seu Mestre e seu provinciano:

— "A sua arte não é cerebral, fabricada à pena. É uma arte que exprime magnificamente tudo quanto a pintura tem capacidade para exprimir..

Na verdade, os quadros de Alves Cardoso são o que é a vida: no seu corpo e na sua alma, na sua carne e no seu sangue, na sua côr e na sua luz — essa luz a montanha, fina e leve, que nos afaga os olhos na doçura do olhar das nossas mãis a afagarem-nos o coração.

Assim, os seus quadros, no Rio de Janeiro, vão ser de certeza apreciados, louvados e festejados — não apenas pelos transmontanos: por todos os portugueses. Não apenas pelos brasileiros: por todos os visitantes, sem exclusão de nacionalidades ou de raças.

Porque êles são a Vida — a Vida prêsna em flagrante..



O pintor junto da sua última obra: o quadro «A morte do boi»

Nos ditados do povo, há muito que estudar. E todos eles dão certo. Este, por exemplo, que tomei para título da minha crônica de hoje é assustadoramente verdadeiro:

«Santos de casa não fazem milagres».

Não há fé nos nossos valores, porque os temos em casa, quer dizer, na nossa terra, muito chegadinhos a nós.

É o caso. Sômos todos muito conhecidos uns dos outros, vêmo-nos quasi todos os dias, acotovelamo-nos em tôda a parte, tropeçamos a miúdo ao voltar de uma esquina.

Estamos fartos de nos aturar, a nossa voz tornou-se um som vulgar para os ouvidos dos nossos amigos, e já não nos acham graça nenhuma, nem nenhum mérito.

Os ingleses têm um ditado ainda mais expressivo para substituir o nosso.

Dizem eles que «a intimidade trás o desprêso» ou, se quiserem uma palavra menos chocante, o desdem.

É verdade. Pensem bem todos os que conhecem alguém em destaque, mesmo célebre pelas suas obras ou pelos seus inventos, mas que recebem em sua casa, na intimidade, e verão que essa criatura já não lhes merece tão grande admiração.

É de longe que o talento parece maior ao apreço das gentes, ao contrário da opinião visual que engrandece de perto e diminui com a distância.

Quando foi da morte do grande Poeta — enorme, era melhor — Guerra Junqueiro, a propósito da homenagem que a Nação lhe prestou, dizia-se:

«Se êle não se têm retirado do convívio dos homens, se andasse pelos cafés em comércio constante com os seus leitores ou mesmo com os seus colégas nas letras, havia de parecer menor, embora com o mesmo talento. Não lhe fariam nada disto».

E falavam bem. Para ser-se «Alguém» na sua terra é preciso divinizar-se, evitar a turba, lançar-lhe as premicias do seu espírito — os escritores, nos seus livros; os artistas de teatro no palco; os pintores e escultores, nas suas exposições, o sábio no seu laboratório.

Mas acamaradar com a turba, nada.

Vejam se êsse zarôlho sublime que nos deu os *Lusiadas* teve a admiração dos seus amigos, dos seus companheiros de mesa de café, e sequer da multidão anônima que o cruzava nas ruas.

— «O Camões, diriam como dizem agora de qualquer tipo genial do nosso

SANTOS DE CASA...

Por isso é que nós hoje também olhamos os espíritos altíssimos que às artes, às sciências e às letras deram brilho, em tempos idos, no nosso país — portuguezinhos como nós — como se fossem divindades.

Vejam lá o que o povo das províncias, dessas aldeias remotas, pensava dos reis: que não se pareciam nada com os simples mortais e chegava a supôr que eram todos feitos de ouro.

Porque não os viam nunca, dado que as viagens então eram fatigantes e os reis se deslocavam poucas vezes.

Mas logo que começaram a baratear-se, exibindo-se pelos povoados afastados, adeus divindade — já não lhes ligavam nenhuma importancia.

Final eram da mesma materia impura, que adoecia e apodrecia no cemiterio, como a dos outros homens.

E quem pôde dar-se ao luxo de isolar-se da multidão, nesta epoca de crise em que todos andam numa sarabanda para ganhar o pãozinho do dia ou para assegurar o de amanhã?

Não ha forma. Só os ministros é que conseguem um pouco esse meio de divinização, afastando-se do convívio popular.

Recebem nos seus gabinetes, a que o seu prestigio de dirigentes empresta o ambito respeitavel de um templo, e cá fóra transportam-se no automovel que o Estado põe á sua disposição, por um espaço de tempo que os fados comandam, e desse modo fogem a mistura diaria que nos

confunde a todos.

Mas, logo que o seu mandato passa, eles passam tambem a andar pelas ruas da cidade, a pé, como dantes, porque não são ricos, e encontramos-los, outra vez, ao nosso lado, num trajeto mais longo ou mais difficil, já «toda a gente» no mesmo banco do electrico ou do elevador.

E é por esta vidinha afadigada, de cambulhada uns com os outros, que os santos de casa não fazem milagres.

E, tambem, porque são de casa... Acham-se sempre melhor os que os outros têm para adorar.

Santos de casa... são de trazer por casa. Pouca coisa.

Felizmente que êste dom depreciativo não é exclusivo nosso.

É assim em tôda a parte.

E, como o nosso mal não nos parece tão pungente, quando o vemos reproduzido noutras pessoas, sirva-nos esta certeza de consolação.

Mercedes Blasco.



O último retrato de Guerra Junqueiro

tempo, é um sujeito pretencioso, julga-se alguém, mas afinal repete-se muito, diz sempre a mesma coisa. O Camões...»

Acabavam os zoilos com umas reticências que comportavam o máximo do desdém que o despeito dictava — assim como em nossos dias.

Nunca se é devidamente julgado pelos seus contemporâneos.

Quantas partidinhas, quantas maldades, sugeridas pela inveja, tiveram que suportar êsses grandes vultos da História, que nós hoje veneramos!

Os que vierem depois de nós, se alguma coisa em nossa vida fizermos digna de nota, é que hão-de recompensar-nos pelo nosso esforço.

A morte, levando-nos definitivamente para longe de todo o convívio, é que nos divinisa.

Do corpo miserável que envolveu o nosso espírito nunca eles conheceram o mínimo detalhe, nem nos viram mexer, nas contorsões deselegantes da luta pela vida.

Os exercicios fisicos na Arte

Na prática do desporto existe uma preocupação suprema de beleza, de aperfeiçoamento da estética humana e de harmonia nos gestos e atitudes que a ligam intimamente com as concepções da arte

Temos varias vezes repetido que o desporto deve ser considerado como um motivo privi-



ligiado de produção artistica, secundando a frase pitoresca e exacta do barão de Couber- tin, que concede ao desporto fóros de produ- tor de beleza, visto que cria o atleta, escul- tura animada pela sopro da vida.

Os artistas antigos, desde a classica escola grega, serviram-se frequentemente e com êxito do atleta como modelo das suas obras, mas escolheram sempre o homem em repouso. Esta preferência, que se pode considerar exclusiva, tem uma justificação na propria forma de interpretar a beleza como a harmonia total de gestos e de linhas; o esforço atletico contraí a fisionomia do individuo e desfeia-o quasi sempre, como no-lo tem mostrado no



periodo contemporâneo o uso da fotografia instantânea. No entanto, esta regra não é absoluta e, mesmo nos casos em que se verifica, o rictus possui um valor de dinamismo, um significado de energia e de força que, não cabendo embora dentro dos limites da beleza classica, toda harmonia e perfeição, se coaduna perfeitamente ao espirito moderno, mais apaixonado de movimento e vigor.

Em Portugal o desporto é completamente ignorado pelos artistas e as raras manifesta- ções publicas do género, como o espantallo

da Avenida a que alcunharam de discobolo, mais valeria que não tivessem sido concebi- das.

Nos países estrangeiros, porém, o assunto é com frequência preferido por pintores e escultores, muito principalmente os de esco- las modernistas que aproveitam o movimento das atitudes desportivas para dar vida às suas figuras, quasi esquemá- ticas. Os grandes campeões, tais como o pe- destrianista Nurmi, o ciclista Moeskops, o lu- tador Delmas, o pugilista Carpentier, tem servido de modelo a obras, nas quais o mérito artistico se adiciona a uma expressão da verdade té- cnica que permite consi- derá-las como inter- pretações da realidade

embora traduzidas pelo sentimento idealista do autor.

Nos salões de exposição anuais figuram sempre, em Paris, em Berlim, nas capitais europeias, algumas telas ou mármores inspiradas pelo des- porto, mas em Paris por exem- plo, efectua-se também regu- larmente em Fevereiro um salão especial reservado aos artistas desportivos e ao qual concorrem além dos pintores e esculto- res, os desenhadores e caricaturistas. As obras apresentadas são cada vez mais nu- merosas e de maior valor artistico.

Da análise insufficiente que nos é permitido fazer aos trabalhos que até nós chegam pelas reproduções de jornais e revistas, parece-nos que são os desenha- dores aqueles que nas suas produções tem demonstrado uma mais nitida evolução de progresso.

A simplicidade do traço traduz de maneira impressionante a verdade da atitude e, sobretudo, a dina- mica do gesto; apre- ciam os leitores os desenhos de Paulo Ordner que acompa- nham esta crónica e reconheçam o quanto neles se colhe a



noção de estilo e movimento, Magnifico de acção o «knock-out» de Pladner pelo negro Brown; preciosa de atitudes e harmonia a fase do jôgo de football França-Áustria!

Num estilo completamente diferente são também excelentes de mobilidade os patina- dores de Adriana Jouclard, que podem con- frontar-se com a estatueta apresentada sobre o mesmo motivo por Dorothee Charol.

Claro que, lá como cá, a visão do artista nem sempre respeita as normas da estética, produzindo por vezes obras estranhas como esse grupo de acrobatas equilibristas que P. Manès moldou de maneira invulgar,

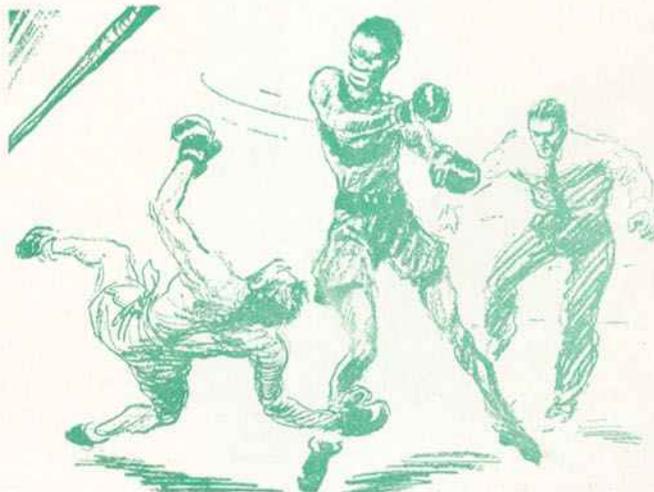
Bons, ou maus, discutiáveis ou incondicio- nais, todos estes trabalhos traduzem uma in- fluência crescente do desporto activo na pro- dução artistica moderna, e que mais tarde

serão aprecia- dos como uma caracteris- tica da época.

Nas gerações moças, educadas nos campos de desporto e simpa- tizantes com a prá-

tica da cultura fisica, era natural que despontasse uma noção de arte mais dinâmica, mais viril, que per- petuasse os gestos e proezas dos campeões, — heróis contemporâneos, — senhores do interesse das multidões e sím- bolos de um novo ideal humano.

Salazar Carreira.



AS ÚLTIMAS NOTAS GRÁFICAS



A «INCINERAÇÃO» DO PAPEL-MOEDA — Para regularizar o excesso do papel-moeda, o ministério da fazenda ordenou a queima de grande parte das notas que andavam em circulação. O acto foi revestido de grande solenidade, tendo a'elle assistido todos os altos funcionarios da finança



PLANTAÇÃO DE UM CAFEEIRO NA AVENIDA DO RIO BRANCO — O jornal «A Noite» — um dos mais importantes diários cariocas — tomou a iniciativa da plantação dum pé de café na Avenida do Rio Branco. A ideia mereceu o apoio das autoridades. O fim é duplamente patriótico: homenagem ao principal producto do Brazil e aproveitamento do cafeeiro na arborização da cidade



A VIAGEM DO PRINCEPE DE GALES AO RIO DE JANEIRO — O governo de Getúlio Vargas nomeou o sr. dr. Assis Brasil, antigo embaixador da Republica Brasileira na Republica Argentina e diplomata de grande renome, para ir a Londres, como Embaixador Especial, agradecer a viagem ao Rio de Janeiro, feita pelo principe de Gales, em Março de 1931



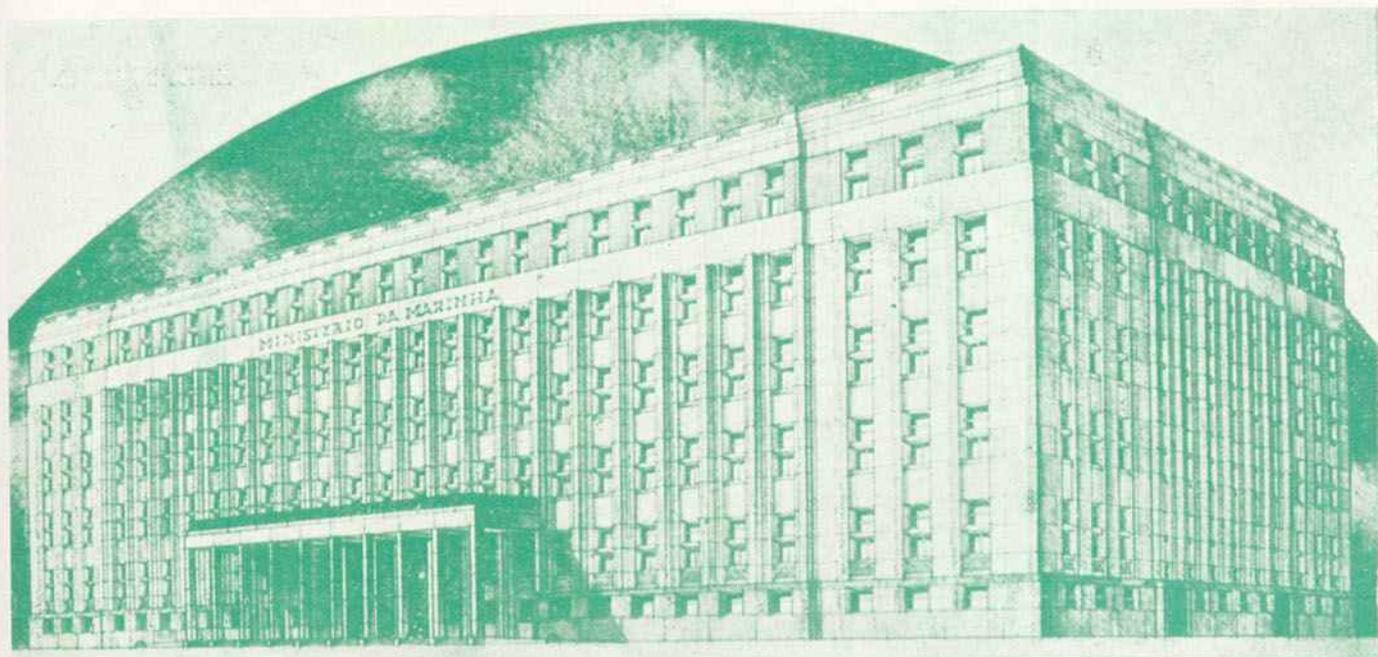
O PRÓXIMO ACTO ELEITORAL — Afim de reconhecer um maior número de eleitores — para votar nas próximas eleições para deputados às Constituintes, o governo ordenou a abertura de muitos postos de recenseamento. Na gravura, figura o acto de inauguração, do posto aberto na Associação Brasileira da Imprensa

DO QUE SE PASSA NO BRASIL

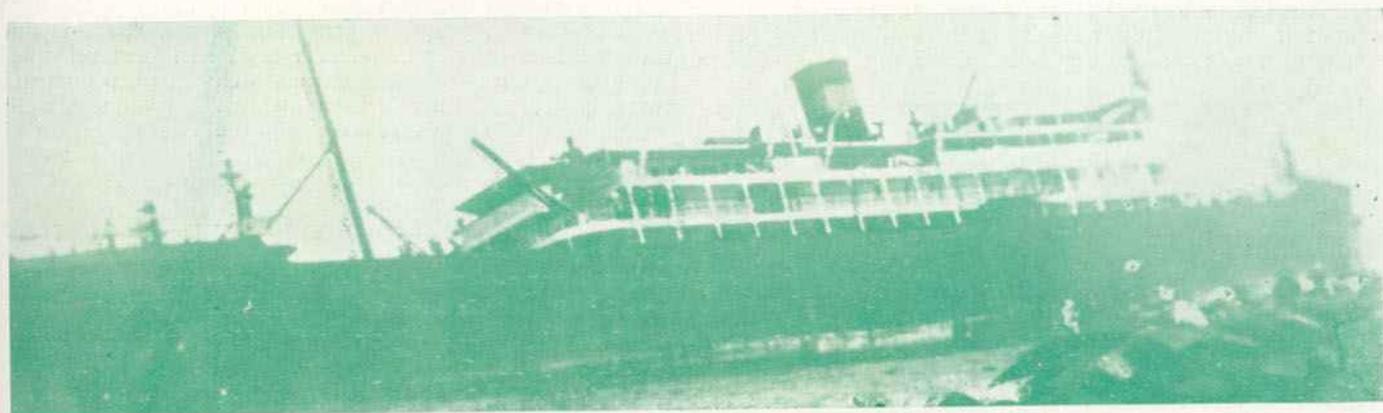


COMO SE SALVA UM AVIADOR — Um aeroplano, pilotado pelo tenente Renato Rodrigues, chocou com outro. Do encontro resultou ficar o avião sem governo e com a hélice despedaçada. O tenente Rodrigues, com grande calma — e não voava a uma grande altura — lançou-se na atmosfera. O para-queijas abriu e salvou-se. Fica o estado em que ficou o avião

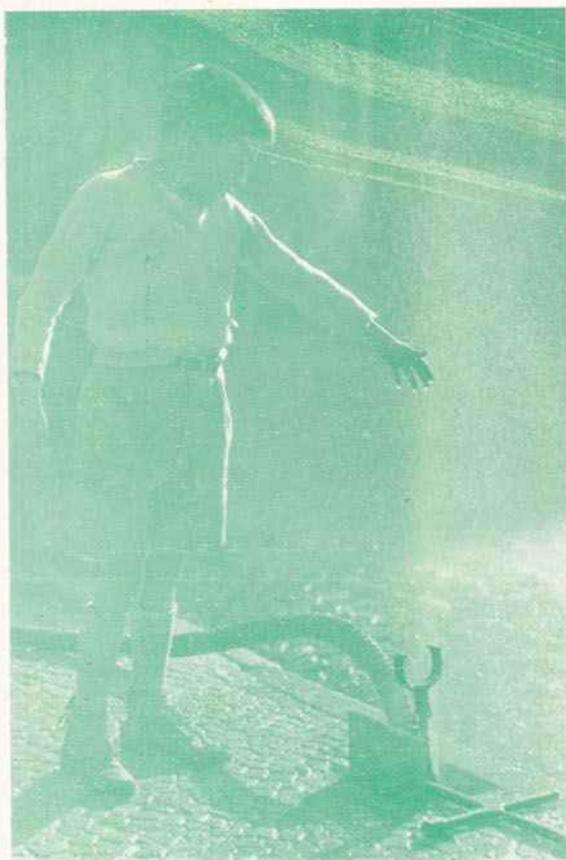
A MORTE DO ENGENHEIRO FRONTIN — Faleceu no Rio, o engenheiro Frontin, sábio eminente, a quem o Brasil deve inúmeros serviços. Os funerais, que o governo considerou nacionais, constituíram uma grande manifestação de pesar. Morreu a 15 de Fevereiro. A gravatira mostra-nos a imponente cortejo fúnebre chegando ao cemitério de S. João-Batista



O NOVO EDIFÍCIO DO MINISTÉRIO DA MARINHA — O governo de Getúlio Vargas está trabalhando denodadamente em prol do engrandecimento da cidade do Rio de Janeiro. Há duas semanas foi lançada a primeira pedra para o novo Ministério da Marinha. O edifício a erguer será o que se vê na gravura



ENCALHE DUM NAVIO MERCANTE — O paquete «Araçatuba», ao demandar de noite, a barra do Rio Grande do Sul, encalhou nos rochedos. Salvaram-se os passageiros mas perdeu-se a carga (SERVIÇO FOTOGRAFICO DO JORNAL «A NOITE» DO RIO DE JANEIRO)



MEUS QUERIDOS AMIGUINHOS: Já sei que quando vocês, mesmo os que sabem ler, apanham uma *Ilustração*, é só para ver os bonecos. Também muitas pessoas grandes não fazem mais do que isso, como têm visto — não é verdade? Sim, mas vocês — vocês têm razão. Talvez até já se tivessem posto a ler as palavras que vêm junto dos bonecos mais bonitos, mais engraçados, mas logo se deixaram disso porque começaram a não perceber. E para lerem o que não percebem ou que não tem graça, bem lhes basta o que têm de ler na lição.

Não vão dizer isto à mamã — não sejam queixinhas! — já que tiveram a sorte de apanhar esta *Ilustração* e ver estas duas páginas só com crianças e com uma carta escrita para vocês! Sim, porque apanhar-se uma *Ilustração* e pôrem-se a ver os bonecos, já é uma coisa catifa. Principalmente, se os bonecos são automóveis, meninos ou animais, que mesmo quando ferozes e esquesitos, e

até por isso mesmo, são mais engraçados do que as pessoas — e então quando as pessoas têm uma cara de meter medo, mais que a dos animais ferozes! Às vezes, muitas vezes, é um engano: as pessoas mais feias são até as mais boasinhas...

Mas — como eu queria dizer-lhes — quando se apanham assim duas páginas só para crianças, e onde vocês se vêem como num espelho, ou encontram outros meninos que conhecem, e vêem brincadeiras em que gostariam de andar... então é que é pândego! Aqui têm, pois, alguns de vocês em casa, brincando, dois fazendo — vá lá! — as pazes, e outro engraçadas caretas; outros ainda, em plena rua, a quem chamam — e bem se importam eles!

— *gaiatos, garotos da rua*, encavalitados como uns pimpões, e um, já tamanho, divertindo-se, muito catitamente, com o que vocês tanto gostam de brincar — a água.

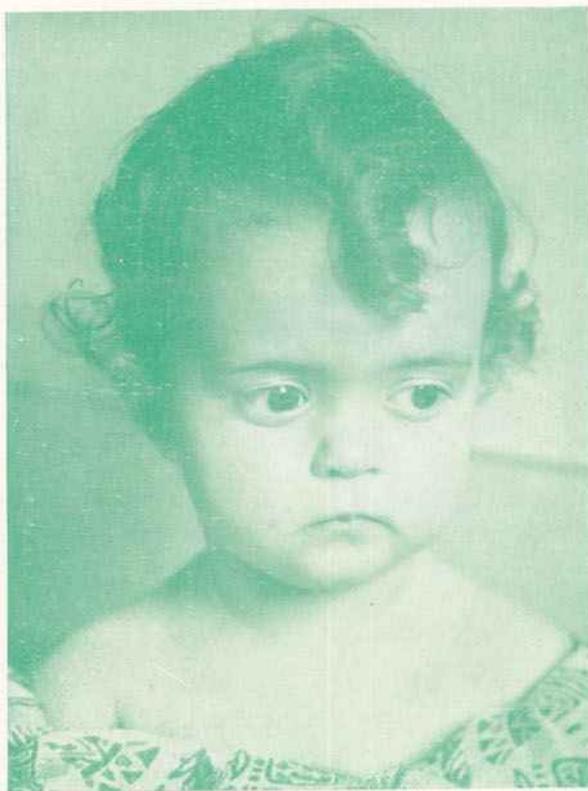
Não pômos nenhuma creança a chorar, com uma birra. Seria engraçado — vocês haviam de ver, um menino com uma bocarra muito aberta numa carantonha muito feia, mas seria de uma graça de troça, bem diferente daquela de quando se faz rir com uma simples cambalhoia, ou uma careta... Ah, se soubessem quanto nós, as pessoas crescidas, temos mais ganas de os mostrarmos feios, que de lhes fazermos a vontade, nunca choravam assim, nunca teriam birras! E assim, se é que não apanham o seu açoitezinho à mistura, bem vêem quanto perdem em ser bonitos, e às vezes por uma coisa que não vale dois carcois!

Vejam, antes, êsses meninos, que aí estão em baixo, muito socegadinhos, brincando. Eh, eu bem sei que, se vocês não estivessem lá no grupo e, em vez de os verem no

Crianças!

retrato os vissem de verdade, iam lá desmanchar-lhes o prazer, implicar com eles! E porque fazem isso? Porque têm essa vontade? Porque gostam de implicar uns com os outros?

É claro, que os que vão meter-se com os outros, arriscam-se a apanhar o seu sopapo; e é bem feito. Vocês, às vezes, gostam, mesmo, de apanhar. E porque não de gostar duma coisa que faz doer?



Não seria melhor, por exemplo, em vez de irem estragar as brincadeiras dos outros, fazerem por entrar também na pândega? Não apanhavam, não faziam zangar a mamã, que bem sabem tem de ser amiga para fazer as vontades — e, brincavam também, arranjando um ou mais amigos para outras vezes. Então vejam quanto teriam a ganhar! Bem sei, que algumas vezes são eles que não querem, não deixam que vocês brinquem também. Mas assim são eles os maus; e deixem-nos, que para a outra vez eles ainda não de querer vir brincar com vocês!...

Por aqui já vêem que não vale a pena zangarem-se. Daqui a nada já têm vontade de estar de bem, e então sentem uma grande vergonha uns dos outros. E para que passarem por essa vergonha? Tôda a miúdagem precisa de estar como entre bons amigos, porque todos brincam, afinal de contas, sabem muito bem brincar — se não fôr agora, será logo, daí a um bocadinho.



Crianças!

E vocês que se zangam uns com os outros, já pensaram naqueles meninos que não têm com quem brincar? Nem calculam que bom é ter-se um mano, pelo menos, ou um companheirinho de brincadeira! Perguntem àqueles que os não têm, e quando encontram algum é como se fôsse para eles dia de festa, dia de apanharem o mais belo dos bonitos — dia de anos, enfim. Perguntem aos

a mão com um pouco de força — e vai murro. Ha pancadaria, apanha-se sempre o seu bofetão, a sua arranhadela e, ainda por cima, o castigo da mamã. E o papá, logo quando chegar, pode não vir satisfeito. Mas vá lá — uma pessoa pode-se zangar de vez em quando, não estar para massadas...

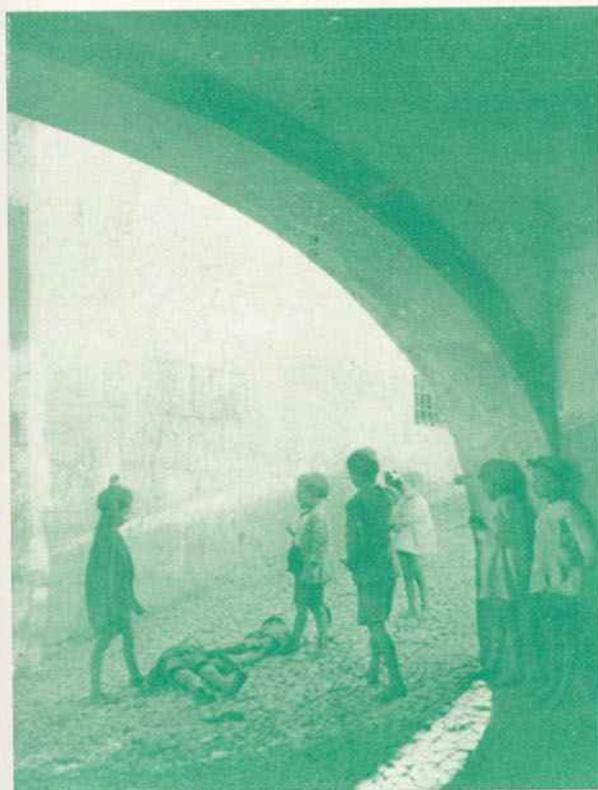
Mas por que, antes até que o papá chegue a casa, e escuse de saber, se não fazem as pazes? O outro menino bateu-lhes, mas vo-

cês pagaram-se na mesma moeda, e ele também se dói. Então, antes de se ir fazer queixa á mamã — o que é o mais feio e só mostra que vocês têm medo do outro — façam-se as pazes. Vá um beijo — nada de coisas! — um beijinho que

começa por se dar de longe e acaba-se por se repenicar. E pronto, acabou tudo — nunca se foi, afinal, tão amiguinho. Fala-se com vózinha meiga, empurram-se os brinquedos para o lado do outro menino, combinam-se novas e mais catitas brincadeiras.

Isso não se chama ser-se um menino fino, mas um bom rapazinho. Os gaitos da rua, que vocês

os ricos, vêem — confessem! — com uma pontinha de inveja, correrem livremente pela rua, mas sujos, rôtos, também não são maus. Dizem, só, coisas que não se devem dizer — e que eles também não teem culpa de dizer, assim como não teem culpa de terem os seus fatinhos rotos e sujos, muito embora sejam eles que os rompem e sujam, mas por não terem outros. E não olhem para eles com nojo, porque pode ser inveja de não fazerem todas aquelas tropelias e correrem, cavalonarem, sem que alguém lhes ralhe. Eles não são piores nem batem mais uns nos outros do que vocês. E eu sei que gostariam



que o não têm, se um outro menino, que também fala, corre, salta como vocês, não vale mais que o mais bonito dos brinquedos — mesmo um desses automóveis em que se vai dentro e se faz andar com os pés. Senão vejam-se a brincar sempre e sempre com tão catita automóvel: ele não faz mais nada que andar com os pés levando-os dentro, até que aquilo assim já não tem graça nenhuma; e depois?... Ora, um outro menino consegue ser muito mais coisas e fazer muitas outras brincadeiras!

Também é verdade — sim senhor, que outro menino pode, por sua vez, não querer brincar áquilo a que vocês querem, e até querer ao que vocês não querem; pôde ainda, estar com a mosca e, quando menos esperarem, dá-lhes uma bofetada, um murro — o que não sucede com o automóvel, ou o cavalo de papelão. Outras vezes, são vocês que não têm vontade de brincar, que não estão, mesmo, para aturar o outro menino; e ele implica. Vocês estendem, sem querer,

de ser, de andar assim na cavalice, como eles. Nem é por isso que a mamãzinha lhes ralha, mas, decerto, por não poder dar aos garotos da rua os fatinhos com que eles os poderiam imitar a vocês, assim como vocês os podem, muito bem, imitar nas suas tropelias.

É até disso que os meus amiguinhos mais gostam, não é verdade? Pois brincarem, correrem uns com os outros, ao ar livre, é até muito bom para não estarem doentes, não serem trinca-espinhas. É o Doutor que manda; — e, já se sabe, quando ele manda...

Apenas alguma coisa pode, no entanto, levar a mamã a não cumprir tal ordem: É se vocês não comerem bem ou se não estudarem as lições... Não poderão crescer e ficarão ignorantes... Portanto, há que obedecer à mamã...

Eis quanto lhes recomenda, o

Tio Aleixo.

(Fotos João Martins)





Torres — A capela do Santo Sudário

SANTUÁRIOS, templos, basílicas da Itália! Quanta beleza! Quanta extraordinária grandeza não apresentam estes lugares sagrados, onde o misticismo se alia à sumptuosidade?!...

É intraduzível a nossa impressão diante do «Túmulo do Apóstolo Pedro», na célebre Basílica de S. Pedro, das igrejas de S. Paulo, de Santa Maria Maior, de Santa Cruz «em Jerusalém» e tantas outras existentes em Roma.

E ao recordarmos as igrejas de Roma não podemos olvidar a não menos célebre Catedral de Turim, onde se encontra a «Capela do Santo Sudário», a «Consolata», a Basílica de Superga e a igreja de Oropa, situadas na mesma grande cidade italiana que é Turim.

Esquecer, também não é possível a Basílica de Santo Ambrósio, famosa na história de arte e religião; a igreja de Santa Maria das Graças onde a nossa vista se extasia perante o maravilhoso «Cenáculo» de Leonardo de Vinci; a igreja de Santa Maria perto de S. Celso, onde se venera uma imagem milagrosa da Virgem; templos de prodigiosa arquitetura, existentes em Milão.

E a Basílica de Santo António, em Pádua? O templo donde se erguem para o céu oito enormes cupulas cheia de magestade e elegância? O templo que, na Capela das Relíquias, encerra o precioso Tesouro do Santo que Portugal viu nascer e de quem Pádua guarda, reverente, os restos mortais?!

Depois, em Genova, os afamados Santuários de Nossa Senhora de Oregina e de São Bartolomeu dos Armenos...

Seguidamente os Santuários de N. S. de São Lucas, em Bolonha, da Anunciada, em Florença, de Santa Maria «em S. Marcos», em Veneza e tantos, tantíssimos outros que se torna impossível descrevê-los.

A Basílica de S. Pedro, o maior templo cristão, ergue-se, magestoso e imponente, na enorme praça que tem o mesmo nome.

A praça de S. Pedro, que ocupa uma superfície maior do que a do Coliseu, é

em forma elíptica e possui de cada um dos lados semi-círculos de colunatas com uma totalidade de 284 grossas colunas em pedra rija e branca. Os balaustrados da parte superior dos semi-círculos, estão decorados com 162 estátuas.

Ao centro está colocado um obelisco egípcio, com cerca de 25 metros de altura e, de cada lado, duas fontes sóbrias e elegantes de potentes jorros de água que, depois de se elevarem a grande altura, se despejam para duas enormes taças fabricadas num só bloco de granito.

Mas, como lamos dizendo, a Basílica de S. Pedro, à qual se tem acesso por uma enorme e larga escadaria levemente inclinada, mede 112 metros de comprimento, de fachada, por 44 de altura.

Interiormente tem, desde o pórtico, um comprimento de 211 metros e uma largura de 137 metros.

A nave central tem uma largura de 27 metros por 46 de altura e a cupula um diâmetro de 42 metros. A altura que vai até a cruz, colocada no alto da cupula, é de 132,5 metros.

Quem entra pela primeira vez dentro deste grandioso templo, tem uma impressão absolutamente imprevisível. Antes de poder apreender a beleza e a magestade do monumento tem, primeiramente, que deixar a vista habituar-se e extasiar-se ante aquela enorme e extraordinária harmonia de proporções.

E depois, então, verá, como a sua vista é atraída para aquelas sumptuosidades como sejam o «Altar do Papa», sob um «docel» em bronze, de Bernini, ornado

As maravilhas que encerram os lugares sagrados de toda a Itália

com formosas colunas lavradas; o «Túmulo do Apóstolo S. Pedro» ou a «Confissão» — uma capela subterrânea, trabalho de Maderna, diante da qual se ergue a estátua de Pio VI em posição de orar, esculpida por Canova e a «Cadeira» de S. Pedro de Bernini, ao fundo da abside.

E a nossa vista vai-se estasiando sempre diante de todas aquelas maravilhas, daquelas imorredouras demonstrações de arte, daquelas estátuas de S. Longino, Santa Helena, Santa Verónica e S. Andréa diante daquêles mosaicos dos Evangelistas e da Piedade, obras prodigiosas de Miguel Angelo, diante dos monumentos de Clemente XIII, de Canova, de Urbano VIII e Alexandre VII, de Bernini, e de tantos outros que não nos fatigamos de admirar.



Torres — A Basílica de Superga

Depois de S. Pedro a igreja de S. Paulo construída no mesmo terreno onde outrora existiu uma outra grandiosa basílica mandada edificar por Valentiniano e Teodosio e terminada por Onorio e Galla Plácidia, destruída pelos Sarra-



Santo António ensinando a criança para que lhe demonstre a inocência do pai (Alto relevo de Gattamelato e G. Chiampogna, na Basílica de Pádua)



Basílica de Santo Antonio, em Pádua

A igreja de Santa Maria Maior, uma das mais sumptuosas e ricas, consagradas à Virgem e na qual se venera a imagem de Nossa Senhora, atribuída a S. Lucas, foi mandada edificar pelo Papa Gregório XI.

O interior é o que de mais deslumbrante se possa imaginar.

Três naves enormes divididas por trinta e seis colunas em mármore de Imetto, atravessadas por epistílios decorados com

mosaicos, correm a todo o comprimento do templo.

O altar-mór ornado de colunas e a urna de porfiro sob a qual a «Confessione», rica de mármore de cores policromadas, encerra a reliquia da mangoeira de Belem onde Jesus foi adorado logo após o seu nascimento; a abside decorada com um maravilhoso mosaico, do ano de 1295, de Jacopo Torriti. As capelas laterais são verdadeiras joias de arte. Entre elas salientam-se a «Capela Sistina» ou do Sacramento onde se encontram os túmulos de Sisto V e de Pio V e a «Paolina» ou Borghese, ornada de frescos de Baglioni e Reni, com a Virgem Bizantina e os túmulos de Clemente VIII e Paulo V.

Não é no diminuto espaço que dispõe uma revista do genero da «Ilustração» que poderíamos, como seria nosso desejo, alongar-nos em descrições.

Para tratarmos de alguns dos templos monumentais que predominam não só em Roma como em toda a Itália seria necessário um gróssio volume. Cingimo-nos, por isso, na nossa mal alinhavada crónica a dar a descrição rápida e fugidia de alguns.

A Catedral de Turim, datando de 1482, pôde dizer-se que é o unico edificio que resta ainda, naquela cidade marcando o Renascimento.

Dentro deste magnifico monumento



Assis — A Porçãocota

está a capela do Santo Sudário, assim chamada por guardar o lençol no qual São José de Arimathea envolveu Cristo quando, apeado da Cruz, foi deposto na sepultura.

O lençol que está encerrado num riquíssimo cofre de prata cinzelada, dizem, conservar ainda impressas as partes anterior e posterior do corpo chagado do Redemptor.

Seguidamente temos a «Consolata», mandada erigir em honra de uma imagem milagrosa de Nossa Senhora, conservada actualmente numa deslumbrante capela que data do ano de 1682. Depois a «Basílica de Superga», obra prima de Juvard, mandada edificar por Victor Amadeu II em virtude de uma promessa feita durante o sitio de 1706 e depois da libertação de Turim. Mais tarde foi transformada em sepultura de família dos reis da Sardenha.

Um dos logares santos também dos mais venerados é o «Santuário de Oropa», mandado construir, no século XVII, para nêle se guardar uma das três estátuas da Virgem, trazidas por S. Eusébio, primeiro bispo de Vercelli.

Diante do Santuário da Basílica de Santo António, em Pádua, ergue-se a admirável estátua de Gattamelata, de Donatello.

No interior da capela de S.^o António, cujo corpo se encontra encerrado numa preciosa urna de bronze, trabalharam os artistas mais célebres de Itália. Nas paredes existem nove altos-relevos, representando os principais milagros do Santo; obras de arte admiráveis de Sansovino.

A capela está cheia de um sem número de objectos representativos de promessas e durante o dia inteiro sempre repleta de fieis.

E percorrendo esse encantador país que se chama Itália e entrando dentro das suas igrejas e dos seus santuários, sentimo-nos pequenos diante daquelas tão formidáveis e preciosas grandiosidades.



Uma praça de Verona. Dum lado, a galilé dum convento. Do outro, entre dois botarões de pesada silharia da casa dos Capuletos, a janela de Julieta, gemmada, ogival, florida. Ciprestes. Noite de luar.

ROMEU, entre os ciprestes, envolto na sua capa negra, vindo aparecer na janela iluminada, docemente encostado ao fino travesseiro de pedra, o vulto branco de Julieta

Eu não sonho! O clarão que vem desta janela É a manhã que desponta, é o sol que nasce... É ela! Dissipai-vos, fugi, tristes sombras nocturnas! Aves, cantai! Abri as perfumadas urnas, Rosas que a mão de Deus desabrocha em segredo... Esta noite — prodígio! — amanheceu mais cedo! Ah! Enquanto a luz doira as sombras indistintas, Deixa-me olhar-te bem sem que tu me pressintas. Aquecer-me ao fulgor do clarão que te veste, Sentir o teu effluvio, aparição celeste, Os bálsamos d'amor que a tua boca exala... Tu pareces falar... Se tu falasses! Fala! Oh, não! Eu estou sonhando! Há lá alguém — loucura! — Que possa ouvir da terra um anjo que murmura! Ao menos um sorriso, e eu morrerrei feliz... Mas não é para mim — ah, não! — que tu sorris! Não suspeitas, sequer, que te espreito da treva... É para o céu, amor, que o teu olhar se eleva, Num tão puro clarão, que as estrelas radiosas, Humilhadas de ti, desmaiam como rosas, O luar empalidece entrevendo-te o seio, E as aves do Senhor, no seu doce gorgeio, Oh, alma da minh'alma, ao acordar agora, Cantando julgarão que despontou a aurora!

Ai de mim!
 JULIETA Assustou-me!
 ROMEU la jurar que ouvi murmurar o meu nome...
 ROMEU
 Ela fala! Oh, celeste harmonia!
 Suspira... Deus do céu, por quem suspiraria?
 Reclina sobre as mãos a face delicada...
 Fosse eu o seu anel, a luva perfumada
 Que ela calça na igreja — oh, Deus! — com que ternura
 Tocaria de leve a sua face pura!
 Oh, Julieta! Julieta! Oh, minh'alma...
 JULIETA
 Assustou-me!
 ROMEU
 Oh, voz angelical, voz de harpas melodiosas,
 Desfolhai-vos, cai, como chuva de rosas,
 Que só de vos ouvir eu tremo e empalideço...

A VARANDA DE JULETA

(Inspirado em Shakespeare em Luigi da Porto)

JULIETA
 Quem me fala, da sombra? É uma voz que eu conheço...
 Como te chamas tu, belo galanteador?
 ROMEU
 Perguntas-me quem sou, Julieta? Eu sou o Amor.
 Tive um nome no mundo e hoje mesmo o perdi,
 Porque esse nome, amor, é odiado por ti.
 JULIETA
 Romeu Montecchio!
 ROMEU
 Não. Não me chames Romeu.
 Para poder amar-te, o Montecchio morreu.
 Tudo o que havia em mim de funesto e de triste,
 Berço, nome, família, — ah, nada já existe!
 É ternura, é paixão, é amor que eu me chamo...
 JULIETA
 Que me importa o teu nome? É a ti, Romeu, que eu amo!
 ROMEU, apaixonadamente, avançando, na sombra
 Julieta!
 JULIETA
 Não, meu Deus! Não te aproximes. Foge!
 A minha aia jurou que te matavam hoje...
 O que há de ser de nós, se te virem aqui!
 ROMEU
 Que me importa morrer!
 JULIETA
 São muitos contra ti.
 Tu estás sozinho, amor, e eu tenho medo, medo...
 ROMEU
 Que me importa morrer, se ouvi o teu segredo!
 Se, sob o pálido azul desta noite estrelada,
 Minha doce inimiga, inimiga adorada,
 Eu escutei, a tremer, a tua confissão...
 JULIETA
 Não deve confessar-se isto a um homem,
 pois não?
 ROMEU
 Eu ouvi-te, Julieta, e não enlouqueci!



ROMEU
 Porquê? Que dor oculta embarga a tua voz?
 JULIETA
 Nós temos de sofrer. São todos contra nós!
 ROMEU
 E de que é feito o amor, senão de sofrimento?
 Já viste uma fogueira ateadada pelo vento?
 São também como o fogo os corações leais:
 Precisam de sofrer para amar ainda mais!
 Mas que me escondes tu? Alguma coisa existe,
 Que a tua fronte, amor, como um salgueiro triste,
 Nas lágrimas do luar se curvou e pendeu...
 Que tens tu? Que tens tu?
 JULIETA
 Vão casar-me, Romeu.
 ROMEU
 Vão casar-te? Casar-te? Ah, e não se abre o inferno!
 E juraste-me tu o teu amor eterno!
 Vais ser doutro, Julieta? É verdade? É verdade?
 JULIETA
 Vão casar-me, Romeu, contra minha vontade,
 Mas o meu coração só palpita por ti.
 O noivo que me dão não fui eu que o escolhi;
 Foram meus pais, amor, a quem devo obediência.
 Abusaram de mim e da minha inocência,
 E eu, que tudo ignorava, aceitei, constrangida...
 Leva-me para ti, salva-me, minha vida!
 A minh'alma procura um peito onde se aceite...
 ROMEU
 Vamos casar-nos já!
 JULIETA
 Oh, meu Deus!
 ROMEU
 Esta noite!
 Convido os rouxinóis p'ra o nosso casamento!
 Há um Deus, lá no céu, — e há padres no convento.
 JULIETA
 Meu Deus!
 ROMEU
 Irei prostrar-me aos pés do dom Abade.
 É ele, que amou, talvez, que teve mocidade,
 Que sente em volta a si a primavera em flor,

JULIETA
 Não nos há-de negar a bênção...
 ROMEU
 Meu amor!
 ROMEU
 E unidos para sempre, oh, meu anjo adorado,
 Esta noite será a do nosso noivado!
 Receberei de Deus, por um sorriso teu,
 A escada de Jacob para escalar o céu,
 Os anjos cantarão em notas harmoniosas,
 E eu, unido de amor e coroado de rosas,
 Ao subir os degraus para a tua janela,
 Julgarei que os meus pés sobem de estrela em estrela!
 Até já, meu amor.
 JULIETA
 Até já, minha vida.
 Como eu te beijarei, ao termo da subida!
 ROMEU
 Frei Lourenço que chega... Adeus!
 JULIETA
 Espera, espera...
 Tanto que te dizer, e não me lembra o que era!
 Ah, que te amo, Romeu, e que tu me fascinas...
 ROMEU
 A tua aia que desça ao tanger de matinas,
 E que me espere aqui, à porta do convento.
 JULIETA
 Só um momento mais...
 ROMEU
 Adeus!
 JULIETA
 Só um momento...
 Ah, como eu gostaria, oh minha alma adorada,
 De te dizer adeus até de madrugada!
 Júlio Dantas.

Box mortal



O campeão espanhol Primo Carnera bateu-se há dias, na América do Norte, contra Ernie Schaaf. Um sóco mal dado, victimou o «boxeur» Schaaf. Carnera esteve preso, mas foi solto, por se ter provado a morte casual. Na gravura, vê-se o pugilista barcelonês examinando as lúvas, com as quais causou a morte ao seu adversário.

Ardeu o «Reichstag»



Um violento incêndio destruiu, quasi por completo, o palácio do Parlamento alemão, que era um dos edificios mais grandiosos da Europa. O fogo, irrompendo, ao mesmo tempo, em quatro portas, fez com que as chamas se propagassem com rapidez. A policia, que procedeu rapidamente a um inquérito, conseguiu deitar a mão ao criminoso: um comunista de nome Van der Lubbe.

Hilter chegou ao local meia hora depois do fogo se manifestar.

A graça alheia



— ESTÁ A CHOVER MUITO, QUERIDA AMIGA. FIGUR PARA JANTAR.
— OBRIGADO. NÃO CHOVE PARA TASTO...

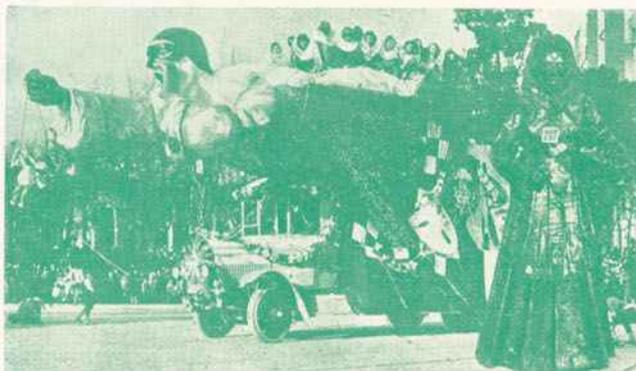
PELO MUNDO FÓRA

O atentado contra o presidente Roosevelt



No dia 16 de Fevereiro foi alvo dum atentado o presidente Roosevelt. Um italiano — pela simples razão de ter ódio a todos os chefes de Estado — disparou, à doida, um revólver sobre o automóvel onde viajava o então presidente eleito. Feriu seis pessoas, uma delas, o governador de Chicago — James Cermak — que faleceu no dia 7 deste mês. Momentos antes, haviam tirado a fotografia que publicamos. O assassino, em virtude de Cermak ter falecido, foi condenado à morte.

O Carnaval na capital do paiz vizinho



DECORREU animadíssima a época carnavalesca em Madrid. Na «Castellana» houve corso. Inúmeros carros, automóveis e bicicletas percorreram a linda e extensa avenida da capital espanhola. O primeiro prémio foi obtido pelo carro «Pierrot 1933» e em figuras isoladas foi classificado em primeiro lugar a máscara «Figura de barro», que se vê no primeiro plano.

As mulheres espanholas no funcionalismo



O regime republicano no país vizinho levou a mulher ao funcionalismo público. Em Saragoça — em toda a provincia — só há «alcadesas». Na gravura que publicamos veem as novas «alcadesas», rodeando o governador civil de Saragoça e o «alcalde» da mesma cidade. Entre essas autoridades, aparece a «ex-alcadesa» de Gallen, D. Maria Dominguez, primeira mulher que presidiu a um «Ayuntamiento» espanhol.

Salva-vidas



O norte-americano J. Hylanel, de New-York, inventou um novo modelo de salva-vidas: pode transportar duzentos passageiros e um só homem basta para o pôr a flutuar em menos de trinta segundos, no caso do barco se submergir.

A França — os francezes, por outra — trabalha neste sentido, para vêr se evita desastres identicos aos do «George Philipar» e aos do «Atlantique», que tanto enlutará a sua marinha mercante.

Ágil aos 81 anos



Mes Katherine Foot, com a provecta idade de 81 primaveras, pratica ainda diariamente, o jôgo do Polo. Ei-la, no «Equestre Club de Ham Common», jogando, para se manter em forma. Em Portugal não haveria velhinha alguma que tal fizesse... Só na América... e do Norte...

A graça alheia



ELE — É DEGRADANTE ESCREVER CANTAS ANONIMAS.
ELA — TENES RAZÃO, EU QUANDO ESCREVO ALGUMA, ARRISO SEMPRE COM O NOME DUMA DAS MUITAS AMIGAS!

Arte e desporto



Todos os anos em Paris se realiza um Salão Desportivo de Escultura e Pintura. Este ano, o artista P. Manés apresentou, entre outros, este trabalho—onde se não respeitam as normas de estetica—que pela sua bizarría e extranheza causou a admiração da critica e do público parisiense. Representa como se vê—dois acrobatas equilibristas.

Pelos mares...



Dois italianos—Eduardo Venturini e Dino Malezzani—andam percorrendo os portos do Mediterraneo e propõem-se atravessar os Oceanos, num pequeno barco à vela: «Asleton». Nas velas, vão inscrevendo os nomes dos portos por onde passam. Actualmente a frágil embarcação encontra-se em Nápoles.

A graça alheia



ELA—QUE ENTÃO A FAZER? NÃO VÊS QUE ESTAMOS EM SPANNE? VÁ... MEFE TE FOI BAIXO DO CARRO E VÊ O QUE FOI...

PELO MUNDO FÓRA

As duas figuras do momento em Hespanha



EMÍLIA Docet, que representava a Galícia no Concurso de Belesa no país visinho, alcançou o título de «Miss Espanha». É uma gentil rapariga de Vigo, filha duma senhora argentina. É aluna premiada da Escola de Comércio de Vigo e campeã de natação naquela provincia.



O semanário «Cronica» abriu um curioso plebiscito: «Quais são os melhores matadores em Espanha?» Ganhou o famoso «espada» Domingo Ortega, que alcançou 2.147 votos. Lalanda obteve 2.127, Barrera 2.116 e Manolo Bienvenida—que é nosso conhecido—teve 2.114.

Uma cerimónia na Gruta de Lourdes



O cardinal Biset, na qualidade de enviado do Papa, presidiu às Festas Jubilares do LXXV aniversário da aparição da Virgem de Lourdes. A missa pontifical revestiu-se dum carácter imponente. A fotografia foi tirada depois da cerimonia, vendo-se o cardinal Biset rodeado do clero, entre o qual se reconhece Monsenhor Gebier, bispo de Tarbes e Lourdes.

Novo invento



O professor Crulls—um nome no meio musical francês—inventou um instrumento que é uma combinação de piano e de harpa. É o resultado de 16 anos de trabalho.

A escultura



Um guarda do Jardim Zoologico do Anvers, de nome Trompners, nos intervalos do seu trabalho, faz escultura. A imprensa belga elogia as suas qualidades artisticas.

A ciência e o frio



Em plenos Pirinéus existe um Instituto Internacional do Frio, que não tem portas exteriores. Só se lá pode entrar por um túnel, que tem quilómetro e meio de comprimento.

O pintor Laurens



Paul-Albert Laurens, o célebre pintor francês, acaba de entrar para a Academia de Belas Artes, onde já estiveram seu pai Jean-Paul e seu irmão Pierre. É um artista de escola, cuja obra vem sendo elogiada pela critica. Ganhou, há anos, o «Primeiro Grande Premio de Roma». É um retratista notável, citando-se como obras primas os retratos de André Gide, Jacques Copeau e Emile Picard.

A graça alheia



— PORQUE VIOUAS?
— A MINHA MÃE MORREU E O MEU PAI TAMBÉM. O MEU AVÔ ENTREGOU-SE ONTEM E A MINHA AVÓ ESTÁ NO ASILO. OS MEUS IRMÃOS ENTRARAM A SEMANA PASSADA PARA O HOSPITAL. SE VOU PARA CASA, BEM TEREVI DINHEIRO, BATEM-ME...



O JÔGO "Ping-Pong"



A intromissão do espírito desportivo nos jogos mais simples basta para os transformar, de um dia para o outro, em autênticos desportos. Esta evolução se tem manifestado nos últimos anos, e por todo o mundo, num jôgo que em seus princípios não passava de um mero divertimento infantil ou passa-tempo caseiro das famílias burguesas: o ping-pong.

Hoje, quem tal diria, existe uma federação internacional de ping-pong, realizam-se campeonatos do mundo aos quais concorrem os representantes de uma dúzia de nações e, nas maiores capitais, joga-se o ping-pong como há uns vinte anos se jogava o bilhar.

Não se imagine, porém, pelas palavras precedentes, que o ping-pong é uma simples troca de bolas, ao alcance de qualquer e sem exigência de esforço físico. Nada disso, e os jogadores que o cultívam merecem com propriedade o epíteto de desportistas.

As pessoas que assistiram a encontros de ping-pong entre adversários de uma certa classe não podem duvidar que se trata de um autêntico desporto atlético.

Raymond Verger, campeão de França e autor de um tratado sôbre este jôgo, diz no seu livro:

«O ping-pong não é igualmente violento para todos os seus adeptos Os velhotes barrigudos, que jogam

em lentos salões, não dispõem a mesma soma de energia nem praticam um exercício tão variado como os campões afamados. Mas a centena de flexões do tronco a que são obrigados, no decurso da partida, para apanhar a bola do chão, já é para eles um exercício salutar, não contando ainda os movimentos de reptação a que são obrigados para a encontrarem debaixo dos móveis.

«A tendência natural para a analogia leva muitas vezes a comparar o ping-pong com o tennis, chamando-se-lhe até imprôpriamente tennis de mesa. Apesar das aparências e da apetrechagem, os dois jogos diferem por completo, tanto nos gestos a executar como nas qualidades que requerem.

«O ping-pong exige, embora o não pareça, um considerável dispêndio de força, mas os



esforços a realizar são menos continuos do que no tennis e as deslocções têm menor amplitude. A cadência rápida do ping-pong obriga o jogador a movimentos rápidos, repetidos numa cadência acelerada, pequenas deslocções constantes e um esforço de atenção ininterrupto, o que explica a precocidade da fadiga sobretudo motivada por um esgotamento do influxo nervoso. Seria impossível ao melhor atleta, ao mais robusto e ao mais em forma, suportar um encontro de ping-



Fase duma partida de ping-pong no «Grupo Desportivo os 15»

-pong durante o número de horas que tarda por vezes uma partida de tennis.

«Um match de ping-pong, equilibrado e reñido, raro chega a durar uma hora, mas a força muscular dispendida nesse prazo equivale à de uma série de duzentos ou trezentos sôcos, dados com a máxima energia numa série rapidíssima, agravada de constantes alterações de ritmo. Experimentem, aqueles que consideram ainda o ping-pong um jôgo sem dificuldades!»



A popularidade extraordinária adquirida por este jôgo na maior parte dos países europeus não se limita à abundância de praticantes, mas conquistou-lhe também uma assistência fiel e numerosa, entusiasmado-se nas peripécias da luta, seguindo emocionada as jogadas espectaculosas dos campões adversários. Há certos estados de espírito da multidão que nos são difícilmente compreensíveis, porque em completa discordância com a psicologia nacional que nos é familiar; em Portugal, o ping-pong é já praticado em larga escala mas as suas competições poucos mais interessam além dos aficionados. Saiba-se porém que, nos campeonatos do mundo de 1932, em Praga, quatro mil espectadores apaixonados cercavam a mesa do jôgo e, fora da sala, ficaram ainda mil e quinhentas pessoas que não encontraram já lugar no recinto da luta.

Em Paris o jornal «Intransigeant» organiza actualmente um torneio popular de ping-pong que reuniu 4 057 inscrições e cujas eliminatórias se estão disputando simultaneamente em 104 locais diferentes: cafés, clubes, estabelecimentos especiais, perante uma afluência imprevista que ocupa, — com natural gaudío dos proprietários, — todos os lugares disponíveis.

A difusão presente do ping-pong nacional permite-nos supôr que as coisas caminham entre nós para idêntica situação, pois existem já associações regionais em Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, etc., e outras iniciaram seus trabalhos de organização.

O campeonato de Lisboa, cuja disputa prossegue normalmente, reuniu vinte colectividades e o número de jogadores filiados na entidade dirigente excede trezentos.

Não devemos no entanto esquecer que o ping-pong é um exercício magnífico para as raparigas e seria louvável que a respectiva Associação se ocupasse desde o início da modalidade feminina do seu desporto, organizando provas que serviriam de excelente propaganda, e proporcionariam às mulheres portuguesas um meio de cultura física, de que tanto necessitam.

S. C.



É UM DESPORTO QUE CONQUISTA O MUNDO



UMA GRANDE OBRA

A avenida marginal
do Sul do Tejo

vai ser, em breve, um facto?

Em Almada effectuou-se há dias uma sessão pública, onde se tratou do magno problema da construção duma avenida marginal que ligasse Cacilhas à Trafaria. As forças vivas do distrito de Setúbal estavam todas representadas. A reunião terminou por uma conferência realizada pelo sr. Agro Ferreira, um dos maiores amigos daquela região e a quem se deve o grande nome que tem hoje a lindíssima Praia do Sol. As suas palavras foram escutadas com atenção. A sua opinião autorizada sobre tal assunto foi acolhida com entusiasmo. Propôs a nomeação duma comissão, para tratar do assunto, composta por um delegado de cada uma das entidades, com cunho oficial ali representadas e que dêsse uma comissão executiva, composta pelos representantes das câmaras municipais de Lisboa, Setúbal e Almada organize os trabalhos de forma a convidar a grande comissão a intervir no momento oportuno. Foi nomeada a referida comissão.

O conferente principiou por descrever Lisboa em relação ao Tejo, na parte da sua conferência «Lisboa e o Tejo»; referiu-se depois à «Margem Sul», segunda parte do seu trabalho. Abordou em seguida o que se deve entender por «Política de Realizações» preparando assim o capítulo da «Obra Imperativa» que é o objecto da sua conferência, a Avenida Cacilhas-Trafaria.

Em capítulo especial demonstra brilhante e claramente que essa avenida seria o incentivo para Lisboa se interessar pela outra banda do Tejo e que só dêsse incentivo toda a região até Setúbal pode esperar a concorrência e o turismo dos 900.000 habitantes do distrito de Lisboa, dos forasteiros e dos estrangeiros, porque só assim se criariam os transportes fluviais precisos para assegurar continuidade e segurança de relações. O sr. Agro Ferreira abordou, criticando com dureza, os actuais serviços de transportes no Rio, o que constituiu um dos últimos capítulos da sua notável conferência.

É da última parte do seu trabalho que transcrevemos os seguintes trechos:

«Poder-se-há dizer quanto ao alvitre apresentado para a construção da avenida; mas por este processo todas as obras, todos os grandes empreendimentos, mesmo aquêles que são méras fantasias de regionalismo ambicioso, seriam possíveis, e dar-se-hia aos seus idealizadores o direito de vir pedir ao Estado semelhante intervenção para os tornar realidade.

Não. Não é assim. Não seria justa a observação.

Nenhum outro melhoramento oferece a compensação imediata das valorizações que oferece a margem Sul do Tejo, aqui, neste ponto mais próximo da margem Norte.

Nenhum outro, possivelmente requerente de disposições legislativas semelhantes, pode oferecer a disposição geográfica, o valor turístico, a aproximação de uma cidade como Lisboa, o ser o porto da Europa mais cómodo para a América, entreposto internacional e colonial, porto de pesca, enfim, a valorização que os terrenos ofereceriam imediatamente para cobrir,

com lucros, todos os adiantamentos que o Estado, fizesse — adiantamentos cautionados, por assim dizer, afinal, com valores subjeitos.

Prendi o meu interesse a um empreendimento dentro dêsse concelho — obra que tenho a consoladora e compensadora certeza de estar em marcha para um brilhante futuro.

Beirão da beira mar, tenho a escola de perseverança, e o exemplo duma raça em que o regionalismo se cultiva com entusiasmo, com carinho, com dedicada abnegação.

Do amor da família, lá, passa-se imediata-



A mesa que presidiu à reunião magna de Almada

mente, como uma sequência sentimental de todo o ponto natural, para o amor à região natal ou adoptiva

E êsse amor prende-se, com entusiasmo, a tudo quanto seja encanto da natureza, mãe de todos os encantos e a tudo quanto seja perfeição humana, origem de todo o progresso.

Lá, na minha encantadora região, são todos por um e um por todos, quando se trata de empreendimentos regionais, de obras locais, escolas, hospitais, arruamentos, etc.

Fêre-me, por isso, vêr a inercia, o desinteresse, o egoísmo, de outras regiões maravilhosamente dotadas, — e que se conformam com uma vida mesquinha, miserável, sem ideais e sem incentivos.

Dependendo a realização da grande obra a que chamo imperativa — da reunião de todos os valores constituídos pelos terrenos marginais, e embora seja certo que êsses proprietários em nada serão prejudicados, antes pelo contrário — é indispensável que uma forte, inteligente e decisiva corrente de opinião pública saiba crear (o que eu não sei) não só a força dinâmica da realisação, mas ainda, também e principalmente, o ambiente da legitimidade com que os povos interessados imponham a fixação de valores que impeçam explorações egoístas e demasiadas ambições de quem

queira guardar para si só avalorização produzida pelo esforço da comunidade.

É por isso que a grande obra imperativa tem de fundar-se num decreto que todos devemos reclamar, — como quem reclama a constituição dum património legítimo, comum a todo o distrito de Setúbal.

Planciam-se Bairros Sociais e Bairros Operários por Lisboa fóra, sem se considerar a distância a que ficam dos centros febris, dos centros comerciais e industriais, sem se considerar o custo das passagens e o tempo a perder, sem se considerar o valor dos terrenos, se são relativamente mais centrais, ou os inconvenientes e prejuizos de gastos, se forem terrenos mais distantes. — Não será legítimo lembrar que há aqui, a 6 minutos da margem Sul, a margem Norte do Tejo, com os seus terrenos inaproveitados, onde êsses Bairros se podem construir em condições de higiene incomparáveis e de acesso imediato e económico a todos os centros da urbe?

Não será legítimo lembrar que os transportes fluviais são mais economicos e que no caso presente são mais rapidos e mais em contacto com todos os pontos da cidade onde as actividades são empregadas, onde os futuros habitantes desses Bairros Sociais e desses Bairros Operários, têm os seus escritórios, as suas oficinas e as suas obras?

Então os nossos avós serviam-se a toda a hora, com toda a facilidade, do Tejo, em simples barcos incomodos e demorados, — e nós havemos de lhes fugir, hoje que temos elementos de facilidade, de rapidez, de comodidade e de economia incomparáveis aos de então?

O unico defeito que se pode encontrar — (não ha béla sem senão...) á rainha do Tejo, á cidade

das 7 colinas, é de facto a parte da urbanização que não soube evitar os pontos mais batidos pelas nortadas incomodas e doentias, é esse desvairedo «desnorteamento».

Gastam-se tres quartos de hora e mais para procurar o lar nos extremos da cidade!...

É estes montes pelados por parte dos quais, num momento doloroso da nossa vida nacional, os E. U. da A. do Norte nos ofereciam o pagamento de toda a divida externa e outras importantes regalias, em condições de que a nossa Historia guardará discreta reserva, toda esta riqueza, toda esta perspectiva, toda esta valorização, campo excelente das melhores actividades, da expansão industrial de Lisboa, a poucos minutos de todos os seus centros comerciais, industriais e populacionais, rio acima, ha de ficar aqui, pelado e inerte, improdutivo e desoladoramente tragico, capital morto e atestado vivo de inercia e de carencia de recursos?

A margem que oferece higiene, rapidez, economia de tempo e de custo de transportes, ha de ficar aqui eternamente a atestar a nossa incuria, a constituir a inveja dos estrangeiros e a depôr contra o nosso desvario? Responderão V. Ex.^{as}.

O sr. Agro Ferreira, foi muito cumprimentado no final da sua interessante palestra.



à pesca

Numa «soirée» familiar:

Um convidado — Êste rapaz em todas as histórias que conta mete micróbios.

Outro convidado — É por isso que lhe chamam o contador da Companhia das Águas.

A mãe sae á rua com o filho mais novo:

- Ó mamã, quem é aquele homem?
- perguntou o pequeno.
- É um marujo, responde a mãe.
- É porque anda vestido de criança?!

O Lopes entrou no baile e a dona da casa perguntou-lhe:

- Porque não veio o seu irmão?
- Como só um é que podia vir, tiramos a sorte.
- É o meu amigo ganhou?
- Não, ganhou o meu irmão.

Quando o engenheiro foi tratar da construcção da nova linha do caminho de ferro, explicou aos lavradôres:

— Até agora, os meus amigos para irem a Lisboa vender os seus generos, gastavam 3 dias. Depois, com o caminho de ferro basta-lhes um dia.

— E o que havemos de fazer nos outros dois? — inqueriu um dos lavradôres.

- Mamã, quem é aquela senhora vestida de negro e de chapéu branco?
- É uma irmã da Caridade.
- Qual delas? A Fé ou a Esperança.

No céu o Padre o Filho e o Espírito Santo estavam muito aborrecidos. Para

os distraír, um serafim lembrou-lhes um passeio até á terra.

— De maneira nenhuma, disse o Padre. Estou velho e as viagens fatigam-me muito.

— Eu também não vou, declarou o Filho. Quando lá estive trataram-me muito mal.

E o Espírito Santo concluiu:
— Eu é que não ponho lá os pés, enquanto houver tiro aos pombos.

Um judeu conseguiu auctorisação para vender sandwichs e pasteis, á porta dum Banco. Em pouco tempo ganhou muito dinheiro.

Um dia um outro judeu, que tinha caído na miséria, foi-lhe pedir cem mil réis emprestados:

— Impossível, meu querido amigo, disse o judeu. Quando vim para aqui fiz um contracto com o Banco. Por êsse contracto, nem eu posso emprestar dinheiro, nem o Banco pode vender sandwichs.

Ha três coisas que os homens fazem que não se compreendem:

A primeira é sacudir as arvores para que a fruta caia, quando tôda a gente sabe que a fruta só se deve comer quando está madura e que quando está madura cai por si. A segunda é ir para a guerra matar ou morrer, quando a única coisa certa que todos nós temos é a morte. E a terceira e última é andarem atrás das mulheres, quando, é caso sabido, que se os homens não andassem atrás das mulheres, as mulheres andariam atrás dos homens.

O major, mandou chamar o soldado e repreendeu-o energicamente. Passados tempos o oficial encontrou o soldado na rua e como êle não lhe fizesse a continência, mandou-o fazer alto e perguntou-lhe:

- Porque não fazes a continência?
- Saiba V. Ex.^a que depois daquela questão que tivemos outro dia, julguei que tínhamos ficado de relações cortadas.

— Êste rapaz é muito sério. Hontem pediu-me dez mil réis emprestados e hoje

pagou-me com a mesma nota que eu lhe tinha dado.

- Porque seria isso?
- Porque êle também não a conseguiu passar.

— Eu e a minha mulher só uma vez estivemos de acôrdo.

- E quando foi?
- Quando houve fogo lá em casa e ambos resolvemos sair ao mesmo tempo.

O marido diz á mulher:

- O Sargêdos morreu e deixou ficar á viuva cinco mil contos. Gostavas de ser a sua viuva?
- Antes queria ser a tua.

No restaurant:

O freguês — Rapaz, isto é vitela ou porco?

O creado — Não se conhece pelo gôsto?

O freguês — Não senhor.

O creado — Então, que lhe importa ao senhor que seja porco ou vitela?

— Já sabes que a Luisa vai casar-se com o Artur?

— Sei. O que me surpreende é que uma mulher tão inteligente como a Luisa, vá casar com um homem tão estúpido que até é capaz de casar com ela.

Entre namorados:

- Júlio, não podemos casar.
- Porquê?

— O papá, gastou vinte mil réis, numa agencia de informação e deram más referencias da tua familia.

— Também, por vinte mil réis, o que é que êle queria mais?

— Quando casamos, disseste que o mais pequeno dos meus caprichos seria uma ordem, para ti.

— É verdade, mas tu tens tantos caprichos que ainda não me foi possível averiguar qual é o mais pequeno.

O pescador — Lino Ferreira.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

O Infante de Sagres

O *Diário de Lisboa* lançou, pela pena do seu ilustre director, sr. dr. Joaquim Manso, a idea do levantamento duma estátua do Infante D. Henrique, no promontório de Sagres. Tal iniciativa já teve eco no govêrno, que veio à imprensa dizer que tomaria sôbre si o encargo de tal empreendimento. Para propaganda da sua idea, aquele ilustre jornalista e homem de letras realizou na Sociedade Nacional de Belas Artes uma conferência sôbre o fundador da Escola de Sagres. Presidiu o almirante sr. Gago Coutinho, tendo apresentado o conferente o pintor Varela Aldemira.



A bordo do «Andaluzia-Star» passou em Lisboa, em viagem para o Rio de Janeiro, a sr.^a D. Yeda Teles de Menezes, que representou o Brasil no último Concurso Internacional de Beleza, que se realizou em Spa, na Bélgica. Acompanhava-a sua mãe, a conhecida cantora brasileira sr.^a D. Julieta Teles de Menezes.

Portugal lá fóra



Na legação de Portugal, em Varsóvia, o nosso ministro sr. Ribeiro de Melo e sua esposa, ofereceram um jantar em honra do novo Embaixador italiano naquela cidade, sr. Bastianini, que foi ministro do seu país em Lisboa. Assistiu o mundo diplomático acreditado em Varsóvia.

Uma homenagem



Os amigos e admiradores do poeta Silva Tavares prestaram uma justa homenagem ao seu grande talento poético e de dramaturgo, oferecendo-lhe uma ceia, seguida de velada, nas salas do Grémio Alentejano. Presidiu o conhecido homem de teatro sr. Felix Bermudes.



A direcção do Grémio Alentejano ofereceu ao seu associado sr. Jacinto Fernandes Palma — sócio n.º 1 — um almôço de homenagem de 100 talheres, a que presidiu o sr. dr. Agostinho Fortes. Antes do repasto foi descerrado o retrato daquele sócio-fundador. Foi uma brilhante festa que decorreu sempre no meio de grande entusiasmo.

SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS

É defeito de muita gente complicar as coisas fáceis. E se não complicam as difíceis é porque essas se complicam por si próprias.

Os maus são quasi sempre felizes. Pois até o Azar e a Desgraça os temem.

«PODE-SE morrer mais do que uma vez. A sepultura é que é só uma para cada homem», escreveu Camilo Castelo Branco. Pode. Até o povo canta:

*Eu já me senti morrer
E achei o morrer tão doce.
Por gosto mil vidas dera
Se o morrer sempre assim fôsse.*

JÚLIO Cesar Machado escreveu que "O amor de uma mulher é a maior aureola para a glória de um homem". Bons tempos em que se escreviam e sentiam cousas destas. Ainda não existia o divórcio e o amor era um palerma que se contentava com uma cabana. Hoje não. Hoje precisa pelo menos de um resplendor de libras a aureola.

«NO mundo a mulher não precisa de ser inteligente, nem de ser dedicada, nem de ser caridosa, nem de ser grande. No mundo a mulher precisa de ser bela».

É de Maria Amália Vaz de Carvalho e ha lá cousa mais erronea. Por êste pensar nem as feias casavam nem a inteligência, a dedicação, a caridade, e a grandeza valiam de nada. E como se a beleza, não fôsse uma cousa contingente que cada povo considera e até umas insignificantes bexigas destroem!...

O jornalismo que hoje é uma força extraordinária, era no tempo de Herculano, já uma força avassaladora e o proprio Herculano a serviu, fazendo ele só, quasi todo *O Panorama*. Confessa-

va-o com magua, ele que preferia a quietação ao movimento: "Todos nós temos vendido a nossa alma ao espirito imundo do jornalismo". O que Herculano não previu foi o jornalismo de hoje, que por vezes justifica a magua que ele exteriorizou.

HITLER, na Alemanha, persegue os judeus. E' que se lhes atribue as culpas de serem inteligentes, ricos, dominadores e terem inventado o bolchevismo. Pode ser verdade, mas enquanto se não provar é apenas pretexto para fazerem deles os zés pereiras do regosijo hitleriano.

Os homens degladiam-se entre si, perseguindo-se e afrontando-se, cada vez mais com maior furor. Parece terem contagiado a sanha de seu odio á Naturêsa e seus elementos que não faltam terremotos, inundações, incendios a auxiliarem-no na sua obra destruição.

FAZEM-SE campanhas contra ou a favor de trinta mil causas e trinta mil idéas. Não haveria maneira de fazer uma a favor de bibliotecas populares, eruditas e técnicas para que a leitura em Portugal seja um facto? Civilização sem leitura não ha, podendo embora haver leitura sem civilização. E na massa ledora Julio Diniz conviria bem mais do que Sherlock Holmes contra ou a favor de Arsene Lupin.

Os bons exemplos fructificam. Na Alemanha, país hiper-civilizado os nazis estão seguindo o exemplo da Itália fascista. Quem não fôr da seita apanha uma purga de óleo de ricino. Mas como quem semeia ventos colhe tempestades os nazis mais tarde ou mais cedo vem a pagar tudo... por exercicio ilegal da medicina.

UM sábio maduro como todos os sábios, e por madureza se lerá aqui a idade da reflexão e do tino, inventou uma lingua nova: o inglês basico. São 800 ou 1000 palavras com que tudo se pode exprimir. E' outro esperanto que dará lugar ao francês, ao italiano, ao espanhol, ao alemão, tudo basico. E os linguistas acrescentarão à lista das linguas, mais dez ou doze linguas sintéticas em que ninguem saberá pedir lingua com alcaparras ou lingua com cebolinhas...

UM espanhol partidista teve noticia que, por causa dos acontecimentos de Casas Viegas, Azaña se ia retirar da politica. E comentou:

— Não creio, mas se o fizer não será Azaña mas Azelha.

O homem que não teve principios difíceis não pode ser um bom julgador dos outros homens. Não saberá também admirar. É que das dificuldades só pode falar quem passou por elas o que é o mesmo que já dizia Camões: "quem não sabe a arte não m'a estima.

Todo o homem deveria pois ter conhecido a miséria e tôda a mulher ter andado pelo menos um mês ao trapo. Isso humanitaria a Vida, torna-la-ia mais dace...

Tens a certeza disso?
Ou não seria pior?

NUNCA guardes um segredo. A escravatura acabou há muito e o segredo também tem direito de viver. Mesmo se tens força para guardar um segredo por que não guardas antes dinheiro?

CHEGOU finalmente ao público português, em lingua portuguesa, o Freud. É curioso. Chega quando precisamente lhe chamam velho, além Pirinéus.

Albino Forjaz de Sampaio



CINEMA

NOTA DA QUINZENA

A expansão do cinema

COM maravilhosa rapidez, o cinema vai conquistando o Mundo, penetrando em toda a parte, registando sons e imagens de quanto pode oferecer interesse para o público.

É raro o dia em que não nos chega a notícia, sempre agradável, de que o cinema alargou os seus domínios. Há pouco tempo foram os operadores franceses que lograram fixar na película as cenas mais curiosas da vida no convento da Trappa, ainda hoje governado pelas regras austeras que o regiam na Idade Média. Foram depois os operadores que acompanharam a expedição que partiu na intenção de escalar o Everest, com os seus 8.000 metros de altitude. E agora o Papa, que accedeu em pronunciar algumas palavras ao microfone ao mesmo tempo que as câmaras fixavam a sua imagem, quando da inauguração da estação de rádio-telefonia do Vaticano.

As câmaras cinematográficas são hoje mil olhos curiosos debruçados sobre o Mundo que trazem ao conforto das nossas salas de cinema um sopro do que vai lá por fóra, quer se trate dum terremoto no Japão, duma nova erupção no Vesúvio ou dos lugares-comuns de Sua Santidade, o Papa Pio XI.

— M. R.

Greta Garbo renovou o seu contrato com a «Metro».

O primeiro filme que interpretará em Hollywood chama-se «Cristina» e a sua acção tem lugar na Suécia, durante o século XVIII.

Tem-se exibido em Berlim com enorme éxito um filme chamado «Morgenrot» em que a política «nazi» é exaltada e se faz a apologia dos ideais personificados por Hitler.

A marinha inglesa é apresentada neste filme sob um aspecto desfavorável, o que provocou desagradáveis comentários. Como constasse que alguns oficiais ingleses tinham colaborado na realização desta obra foi ordenado um rigoroso inquérito sobre o caso.

Deploramos que os enormes recursos do fonocinema sejam postos ao serviço de paixões políticas, como no caso citado.

Uma estatística recente mostra que em Inglaterra os cinemas são frequentados semanalmente por cerca de oitenta milhões de espectadores.

Claudette Colbert, a bela actriz francesa que tem sido *partenaire* de Chevalier em diversos

filmes, habita hoje nos arredores de Hollywood, numa magnífica residência de Beverly Hills que foi propriedade de Greta Garbo.

«Vénus Loira», o último filme de Marlene Dietrich, se agradou pelo desempenho não agradou pelo argumento em que a crítica apontou numerosos defeitos.

Sternberg, falando sobre esse argumento que é ponto fraco da sua obra, atribuiu a sua autoria a Eric von Stroheim, o qual, como notifica agora a estes, depois dos seus últimos sucessos finan-

ceiros na pro-

derável interregno que vem desde a realização de «Luzes da Cidade», em 1930.

Charlot não faz publicidade de género algum à volta do seu nome e dos seus projectos, reservando-a apenas para os seus filmes quando estes se acham terminados. Assim, pouco se sabe acerca do filme que, segundo se diz, se propõe realizar. Julga-se, porém, que será ainda um filme cómico de grande metragem com música e ruídos, mas em que os interpretes não falam, como já sucedia em «Luzes da Cidade».

Reri, a linda intérprete de «Tabu», é, como o leitor talvez se recorde, uma indígena da Polinésia que Murnau descobriu durante a realização desse seu belo filme e que o acompanhou no seu regresso, abandonando a sua ilha natal nos mares do sul. Contaminada pela civilização, cujos prazeres tem, ao que se diz, gozado com avidez, a linda indígena faz hoje parte das famosas Ziegfeld Follies. Ultimamente, tem-se exibido, nos seus costumes nativos, no cinema Gaumont Palace de Paris, obtendo um considerável éxito.

Reri, logo que regresso de Hollywood, tomará parte na interpretação dum filme cuja acção decorre em Tahiti.

Leontine Sagan, a inteligente realizadora de «Raparigas de Uniforme», vai dirigir os conhecidos artistas franceses Gina Manès e George Charlia num novo filme que será realizado em Berlim.

Diz-se que diversos membros milionários da família Rockefeller vão lançar-se na indústria cinematográfica financiando empresas cuja situação se apresenta pouco sólida.

Mary Mason é o nome da dona dum lindo par de pernas que, há muitos anos já, servem para substituir nos planos muito aproximados as extremidades inferiores de algumas vedetas menos bem dotadas.

Pois a «Metro», que há bastante tempo a mantém sob contrato para exercer essa modesta função nos seus filmes, oferece-lhe agora uma oportunidade de subir a maiores alturas. Vai confiar-lhe a interpretação de alguns filmes e o seu retrato começa já a correr pelas páginas das revistas de todo o Mundo.

Se a sorte lhe for favorável bem pode suceder que em breve haja mais uma «estrela».

Joseph von Sternberg, que se encontra na Europa, vai realizar brevemente um filme por conta do grande produtor realizador alemão, Erich Pommer.

Como o contrato de Marlene Dietrich na América está a terminar é possível que seja ela a interpretar desse filme.



Skippy é um domador em germen que não hesita penetrar numa jaula

dução de filmes. Por seu lado, Eric von Stroheim nega ter escrito esse argumento, do que resultou uma controvérsia estéril entre os dois célebres realizadores. Foi esta mediocridade do argumento que fez surgir diversos incidentes entre Sternberg e a «Paramount».

Afirma-se com certa insistência que o grande Charlot retomou a actividade, depois do consi-



Cecil Hollan, técnico de maquilhagem, examina a lente aqui a caracterização de Jean Harlow antes de esta comparecer perante a câmara fotográfica.

UMA das artes que mais intimamente se encontram ligadas ao cinema é a da fotografia.

Não nos referimos, é claro, à fotografia realizada pela câmara cinematográfica e que se destina a ser projectada no *écran*. Como bem se compreende, esta é parte integrante, fundamental mesmo, da cinematografia e não seria racional considerá-la uma arte acessória.

Queremos falar, pois, de fotografia propriamente dita que tão importante função desempenha na propagação do cinema e dos seus artistas.

Compreendendo bem o seu alto valor, as empresas americanas dedicam, de há bastantes anos, um particular cuidado à fotografia, que constitui o melhor agente da sua bem organizada publicidade.

De facto, é por intermédio da fotografia que o público se familiariza com os artistas do *écran*. Os retratos de todos os artistas célebres correm estampados por páginas de revistas e jornais. E assim, na imaginação do leitor vão-se fixando, dia a dia e com insistência, traços fisionómicos e nomes que, doutro modo, só de tempos a tempos toparia no *écran*.

Anxios aos estúdios existem, pois, grandes *ateliers* fotográficos providos de material incomparável, donde saem diariamente as centenas de fotografias que inundam as publicações das cinco partes do Mundo.

Nestas condições, não é de admirar que a fotografia que depende do cinema tenha adquirido um elevado carácter artístico. Pode mesmo dizer-se que o incentivo proporcionado pelo cinema tem influído de modo considerável na evolução da arte fotográfica.

Nos magníficos *ateliers* dos grandes estúdios, dispondo do mais moderno e aperfeiçoado material, os mais categorizados especialistas da América e da Europa exer-

CINEMA A ARTE FOTOGRÁFICA

cem uma actividade notável, que só o hábito de vermos as suas belas fotografias multiplicadas por páginas de revistas e jornais nos impede de apreciarmos em todo o seu valor.

Pode pensar-se que a tarefa de tais artistas se encontra bastante simplificada pelo facto de só disporem de modelos que deram já as suas provas de fotonomia e que reúnem condições óptimas para a fotografia.

É o que sucede, em parte. Mas a beleza perfeita é rara — talvez mesmo não exista. As mais formosas «estrelas», os galãs mais célebres têm sempre um ligeiro *senão*, um defeito mínimo que rompe o equilíbrio da sua beleza. Ao fotógrafo compete atenuar, suprimir esse defeito. E por outro lado, cumpre-lhe pôr em destaque, realçar ao máximo, os dotes naturais do modelo.

O número avultado de fotografias é ainda uma grave dificuldade imposta ao retratista do estúdio. As exigências de propaganda obrigam-no a produzir quantidades enormes de fotografias. Para não se repetir, para fugir ao perigo da monotonia, o artista recorre aos mais variados expedientes da imaginação. Modifica o cenário, faz variar a distribuição das luzes, cria atitudes, transforma a indumentária dos modelos. Numa palavra, põe em prática todos os recursos da sua inventiva para chamar a atenção do público para o seu trabalho. Claro que nem sempre o consegue e que algumas dessas *trouvaillies* se fazem destacar pelo seu mau gosto. Mas em muitos casos os resultados são excelentes e impõem esses artistas à nossa admiração.

No que respeita aos actores de cinema a fotografia é uma das mais tirânicas imposições da sua profissão. Ela implica para o artista que o público consagra à obrigação de dispor diariamente de algumas horas para se entregar aos cuidados fatigantes do fotógrafo. É este um dos amargos tributos da glória e não deve admirar ninguém que quasi sempre os artistas se lhe submetam contrariados.

Na verdade, é fácil calcular o real sacrifício que representa para o actor ou a actriz essa necessidade de «posar» a todo o momento para a



Chevalier, um dos artistas mais fotografados, e na vida privada fotografo amador para o que se serve duma modesta «Brownie».

câmara fotográfica, estudando atitudes; ensaiando vestidos e penteados. E compreende-se que alguns artistas procurem subtrair-se a esse fatigante dever. Conta-se que a «Metro» teve certa vez de ameaçar William Haines com uma rescisão de contrato para conseguir que o simpático e irrequieto artista se submetesse ao sacrifício.

Esta pesada obrigação imposta ao artista varia na razão da sua própria popularidade. Assim, as «estrelas» mais célebres são as que mais tempo têm de dispor para o fotógrafo. No auge da sua carreira, há poucos anos atrás, Clara Bow chegou a ser a artista mais fotografada do Mundo. A fazer fé pelas estatísticas, o número de retratos para que ela «posava» elevava-se a cinco mil.

Um auxiliar muito importante da fotografia é a maquilhagem. Nos grandes estúdios há artistas especializados nessa arte difícil que consiste em dar às feições todo o seu relevo para que resultem o melhor possível na chapa fotográfica. Essa maquilhagem nada tem de comum com a que se destina a ser usada em público ou nos palcos. Max Factor, técnico desta especialidade

celebrizado em todo o mundo do cinema, emprega para este fim produtos especiais que têm em conta a própria sensibilidade das chapas. Toda a maquilhagem das faces é por ele excluída. Para as actrizes, o sombreado das pálpebras é feito em tons castanho ou violeta. O negro e o azul são, neste caso, contraindicados. Os lábios são cuidadosamente pintados até às extremidades e ligeiramente humedecidos com vaselina para os fazer brilhar.

Quanto aos actores, ao contrário do que se pensa, raras vezes empregam maquilhagem tanto no cinema como na fotografia.

Éstes são alguns dos aspectos mais curiosos dessa arte difícil que vive à margem do cinema e cujo produto ilustra as páginas das revistas de todo o Mundo.



Um belo trabalho fotográfico em que servem de modelos Helen Hayes e Gary Cooper

CINEMA

PINTURA DE LUZ



Uma bela distribuição de luz que põe em relevo o perfil expressivo de Clive Brook

A luz, esse elemento imponderável duma infinita plasticidade, é para os realizadores cinematográficos o elemento fundamental da sua arte — a tinta com que pintam as imagens dos seus filmes.

Assim, o emprêgo que fazem dessa tinta, o modo como a distribuem e harmonizam, são factores que influem como nenhum outro no valor das suas obras e os que marcam claramente a variedade dos seus estilos.

Na técnica da realização cinematográfica, duas cousas há que condicionam a modelação da tinta luminosa: a distribuição da luz e a fotografia.

Uma e outra estão confiadas a artifices especializados. Enquanto um deles faz incidir sobre a cena o jacto de luz forte dos seus projectores, dispoñdo estes de modo a dar o maior relevo ao modelo, aqui espalhando uma claridade branda e além envolvendo tudo numa luz intensa; outro fixa na película, por meio da sua câmara, os reflexos luminosos da cena, esbatendo-os suavemente ou accentuando-lhes o contraste, procurando ao mesmo tempo o aspecto em que esses reflexos são mais expressivos e justos. Mas é ao realizador que cabem, em última análise, as responsabilidades e os méritos do trabalho produzido. Como o pintor, o poeta ou o escultor, pode d'este modo o realizador cinematográfico exibir um estilo próprio baseado na forma como trata a luz das suas imagens. Esse estilo deveria mesmo revestir, aos olhos duma crítica verdadeiramente cinematográfica, um aspecto primordial, decisivo na apreciação da obra.

Evocando um pouco de história do cinema, verifica-se este facto incontestável e incompreensível — ao passo que toda a técnica vem progredindo sem cessar, a evolução da imagem, sob o ponto de vista artís-

tico, parece ter-se interrompido bruscamente, e em certos casos acusa mesmo uma regressão.

Estamos longe, de facto, das imagens poderosamente moldadas em luz de «Os Nibelungos» de «Fausto» e tantos outros filmes alemães. Com essas obras e algumas outras que lhe são contemporâneas a arte da imagem feita de reflexos luminosos atingiu o seu auge. De então para cá, se é certo que muitos realizadores continuam a cultivá-la com resultado, apenas um, que é Sternberg, nos apresentou uma nova concepção do seu emprêgo.

E' na verdade particularíssimo esse estilo de Sternberg. Impossível seria assimilá-lo a qualquer dos outros conhecidos. Mas difícil é também defini-los nas suas características fundamentais.

Sternberg trabalha, espalhando sobre a massa escura e confusa da cena uma claridade exagerada que dilui os contornos dos objectos. Não conhece o emprêgo delicado dos meios tons, em que René Clair é mestre. Para ele só há negro e branco. Ou melhor, só há o negro, que tem nos seus filmes o valor dum símbolo, e onde ele espalha manchas ofuscantes da claridade.

Oposta a esta predilecção pelo negro, podemos apontar Stroheim com o seu culto do branco. Também para este não existem os meios tons, embora o negro dos seus filmes, não seja tão negro. O que domina tudo é o branco — branco dos vestidos de noiva, das árvores floridas, dos extensos pavimentos de marmore.

Entre Sternberg e Stroheim, ninguém ficaria melhor que Murnau, o magnífico realizador alemão que a morte arrebatou. Para este a tinta dominante era o grisalho, o cinzento enevoado a que ele imprimia uma riqueza incomparável de nuances. Recorde-se «Fausto», por exemplo. As suas imagens neste filme compunham-se tôdas de manchas acinzentadas donde emergiam sombras dum cinzento mais ténue. Nenhum outro estilo seria mais próprio para evocar lendas.



Uma admirável composição luminosa em que Mary Carlisle serve de encantador modelo.

Com razão a crítica o aproximou do imortal Rembrandt pela composição da imagem e pelo uso da escala cromática do cinzento na sua máxima extensão.

Quando, muitos anos mais tarde, Murnau realizou «Tabu», seu último filme, o genial artista alemão estava dominado pelo sol radioso dos mares do sul, totalmente oposto ao céu brumoso da sua pátria. Não admira, pois, que o embriagasse essa orgia de luz avêssa ao seu estilo e daí o constituir «Tabu» uma excepção, aliás admirável, na sua obra.

Deve ainda citar-se, entre os realizadores que possuem um estilo próprio e bem definido, o nome de Fritz Lang. Há certas afinidades entre ele e Murnau, embora Fritz Lang componha os seus quadros com maior prodigalidade de luz. E' ele ainda o mais vigoroso representante adrento da cinematografia germânica.

Fritz Lang cultivava as cenas de grande efeito a que imprime um caracter irreal de sonho ou visão. Os tons fortes das suas tintas negra e

branca trasbordam uns sobre os outros, fundem-se e dão origem a um colorido exuberante. Esse colorido, porém, não o aproxima da verdade, antes a distancia dela. Por isso a sua floresta milenária do Reno em «Os Nibelungos» tem um tão accentuado ambiente da fábula, ambiente que vem dos contornos irrcaes das suas árvores seculares.

Em «Metropolis» este estilo teve a sua adaptação feliz. Deixou de exprimir a fábula para exprimir a antecipação. A luz perdeu esse aspecto poeirento que faz invocar os abismos do tempo. Mas manteve os tons fantásticos que exprimem o maravilhoso.

Se o espaço nos chegasse outros merceariam ser citado como Pabst, Lubitsch, Abel Gance, Feyder, etc.



Um sugestivo jogo de luzes e sombras durante a realização dum filme de Greta Garbo

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

NO AVENIDA PALACE

Como era de esperar decorreu com enorme e selecta concorrência o «chá mah-jong» de caridade, que na tarde de sábado último se realizou nos salões do Avenida Palace, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Alex Maury de Melo, D. Clarisse de Freitas Lomelino de Sousa Guimarães, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão, D. Irene Roque de Pinho (Alto



A sr.^a D. Maria Florentina Pereira Moscoso (Paço Lumiar), e o sr. Antonio Mexia da Costa Praça, por ocasião do seu casamento. Os noivos com as cunhadas.

Mearim), D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Maria de Andrade Roque de Pinho, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Maria Isabel d'Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria da Luz da Câmara d'Orey, D. Mercedes Blanche Plantier e Viscondessa de Atouguia, cujo produto se destinava a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santo António.

Além de partidas de «mah-jong», houve mesas de «bridge» e de «bluff».

A comissão organizadora deve estar plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto debaixo do ponto de vista financeiro, como mundano.

NO CAPITÓLIO

A «matinée infantil» de caridade, que na tarde de domingo último se efectuou no salão do Capitólio, no Parque Mayer, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Júlia de Castro e Almeida de Melo Breyner, D. Luiza Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Maria Fernanda de Castro e Quadros Ferro, D. Maria José Ortigão

Burnay de Gusmão, D. Maria de Lencastre Van-Zeller e D. Maria de Melo Osório (Proença-a-Velha), a favor do fundo para a criação dos «Parques Infantis» a bela iniciativa do nosso colega «Diário de Notícias», constituiu, como era de prever um verdadeiro acontecimento artístico e mundano.

O belo programa elaborado pela brilhante escriptora sr.^a D. Maria Fernanda de Castro e Quadros Ferro, deixou em todos os assistentes, sobre tudo nos miudos uma optima impressão, que difficilmente se apagará da memória.

Festas como esta, deviam repetir-se mais vezes, não só para enlêvo das crianças, como também para adultos.

NO AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL

Organizado por uma comissão composta dos srs. João Ortigão Ramos, José de Aguiar, Mario de Noronha, Pedro Bordalo Pinheiro, Sebastião Teles e Vasconcelos e Sá, realizar-se há na noite de sábado da Aleluia, nos magníficos salões do Palácio Palmela, onde esteve instalada a Liga Naval Portuguesa, o baile anual do Automóvel Club de Portugal, baile que o ano passado constituiu sem dúvida alguma o maior acontecimento mundano da temporada da primavera.

O baile que será de caridade, revertirá o produto líquido a favor do fundo de assistência aos profissionais do volante, sendo abrihantado por duas exímias orquestras «jazz-band» que tocarão alternadamente afim de que a dança seja continua.

O serviço de «ceias», que o ano passado foi excelente, promete no proximo baile excedê-lo para o que já se podem fazer marcações.

Casamentos

Em capela armada na elegante residência da sr.^a Condessa do Paço do Lumiar, à rua António Maria Cardoso, realizou-se com muita intimidade, o casamento de sua gentil filha D. Maria Florentina, com o distinto engenheiro agrônomo sr. António Maria da Costa Praça, filho da sr.^a D. Eufrazia Margarida Nunes Mexia da Costa Praça e do sr. dr. António Justino da Costa Lopes Praça.

Foram madrinhas as mãs dos noivos e padrinhos o sr. comendador Jorge Abraão de Almeida Lima e o pai do noivo.

Celebrou o acto religioso, Sua Excelência reverendissima o senhor arcebispo de Évora D. Manuel Mendes da Conceição Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocação, sendo acolitado pelo seu secretário reverendo Dias Afonso e assistindo o prior dos Mártires, Cônego Bernardo António Cabrita. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

— Com muita intimidade, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Carlota de Somer Viana, filha da sr.^a D. Berta Mendonça de Somer Viana e do sr. Henrique da Guerra Quaresma Viana, primeiro secretário de legação, com o sr. José Augusto Vascon-



Casamento da sr.^a D. Maria Carlota de Somer Viana, com o sr. José Augusto Vasconcelos Porto Soares Franco. Os noivos depois da cerimonia.

celos Pôrto Soares Franco, filho da sr.^a D. Mariana Vasconcelos Pôrto Soares Franco e do sr. dr. António Soares Franco.

Serviram de madrinhas as mãs dos noivos e de padrinhos os srs. ministro dos Negócios Estrangeiros e dr. Francisco Moreira, director do Banco de Portugal.

— Na paróquia dos Anjos, sendo celebrante o prior de Benfica, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocação, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição Vila Nunes Ribeiro, interessante filha da sr.^a D. Inácia Maria Vila Nunes Ribeiro e do importante proprietário sr. António Nunes Ribeiro, com o nosso presado colega na imprensa sr. Mauricio de Oliveira, filho da sr.^a D. Carolina Trindade Paiva de Oliveira e do illustre tenente coronel do Estado Maior, actualmente comandante do regimento de infantaria 14, de Viseu sr. Barreto de Oliveira, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

D. Nuno.



A sr.^a D. Maria da Conceição Vila Nunes Ribeiro, e o nosso presado colega na imprensa, sr. Mauricio de Oliveira, a saída da paróquia dos Anjos, por ocasião do seu casamento, vendo-se também os numerosos convidados.

VIDA FEMININA

SABER conversar é uma das mais belas prendas de uma senhora. Ter assunto para todos, saber falar a cada um daquilo que verdadeiramente o interessa, faz de certas mulheres, hábeis diplomatas, que conquistam tôdas as simpatias. E é muitas vezes isso, que explica "o charme", que algumas senhoras possuem e que não reside na beleza nem na elegância. Nem sempre é a mulher mais inteligente e mais instruída, que possui esse dom, mas sim aquela que tem bom coração e que sabe, com paciência, atender aqueles com quem tem de conviver. Falar a uma mãe dos seus filhos, a um escritor dos seus livros, a um explorador das suas viagens, a um artista da sua arte, a um apaixonado do objecto da sua adoração, e, a ninguém de si própria, é a maneira mais agradável de conversar, para os outros, está claro, mas é sempre para os outros que temos de proceder. Sobretudo quem quer brilhar na sociedade. Uma das condições para saber conversar, é saber ouvir. A senhora que sem enfado sabe ouvir as complicadas histórias, que quasi tôda a gente tem para contar, é uma pessoa que tem feita a sua reputação de saber conversar. Foi assim que Madame Récamier, que está provado, não era uma mulher muito inteligente conseguiu ter o "salon", literário mais interessante da sua época e viu a seus pés os homens mais inteligentes do seu tempo. Apaixonados pela sua beleza somente? Não. Encantados de terem encontrado quem os soubesse escutar, com um lindo sorriso nos lábios, compreensivo e atraente. Saber indignar-se com as perfídias das criadas, um dos assuntos, infelizmente, preferido por algumas senhoras; sorrir com indulgência às maldades dos meninos, entusiasmar-se com as suas graças, que são sempre prodigiosas; ter uma lágrima para a dor, que pateticamente descrevem, e sem muito trabalho a senhora que adquire essa perfeição, fica classificada entre as melhores conversadoras, porque a verdade é que todos supõem saber conversar, e essa arte, tão delicada e tão deliciosa quando se exerce entre pessoas de elevado intellecto e de alta cultura, é, quando a conversa não interessa uma verdadeira tortura. Saber ouvir é uma difícil arte. Um sorriso, uma pequena palavra de vez em quando, que incite o nosso interlocutor a continuar e à saída de um salão, são todos unânimes em declarar: "Como é simpática e como conversa bem esta senhora." Não julguem, minhas senhoras, que por terem muito espirito, terem lido muito, terem viajado, terem facilidade em falar e graça natural, adquiram a mesma fama e são lidas como boas conversadoras, ainda que o que digam deva ser do maior interesse. Reparem numa sala onde a dona da casa não tem a arte de orientar a conversa, de a tornar interessante, de forma que saia luz, que haja uma faísca que revele um sentimento, um pensamento, que nos sugira uma ideia nova. Todos falam ninguém ouve. Não se interessando nada pelo que dizem uns e outros. Esse defeito de muito falar, sem atender ao que os outros dizem, é próprio dos povos latinos. Os nórdicos não caem nesse excesso. Quando um fala os outros ouvem. O que uma senhora que pretende conversar bem, nunca deve fazer, é chegar a uma sala e despejar numa catadupa

de palavras, todos os seus pensamentos e tudo o que particularmente a interessa, deixando todos atordoados e com vontade de lhe perguntar: "Mas o que temos nós com isso?". Na arte de ser dona de casa e de saber receber, um dos primeiros lugares está reservado a saber dirigir a conversa. Saber o que a cada um inte-



ressa. Chamar a conversa os limites que tem ideias interessantes, mas que muitas vezes não têm coragem de expor e com a maior gentileza e sem o fazer notar, fazer calar os que nada têm para dizer e falam apenas, para ouvir o som da sua voz. Para saber conversar e dirigir a conversação é preciso um grande tacto e sobretudo é necessário saber falar e saber calar, fazer falar uns e calar outros, o que é muito difícil. A ciência dos grandes conversadores é saber ouvir e saber falar e essa é a arte mais agradável em sociedade. Frases interessantes onde cintila o espirito, e, conversas de que alguma coisa fica, são para o espirito uma verdadeira delícia. E nada há de mais delicioso, do que uma reunião, onde se converse, onde se espalhem e discutam ideias e nada há que mais agradável seja do que a boa conversa, assim como nada mais

terrivelmente maçador do que uma reunião onde as banalidades se chocam, num turbilhão de palavras sem sentido. É pois indispensável que a mulher que não possui esse admirável dom faça tudo para o conseguir, se quiser destacar-se na sociedade pela sua arte de bem receber e de saber dirigir no seu salão a arte de conversar, tão perdida neste século de progresso material.

Maria de Eça.

A Moda

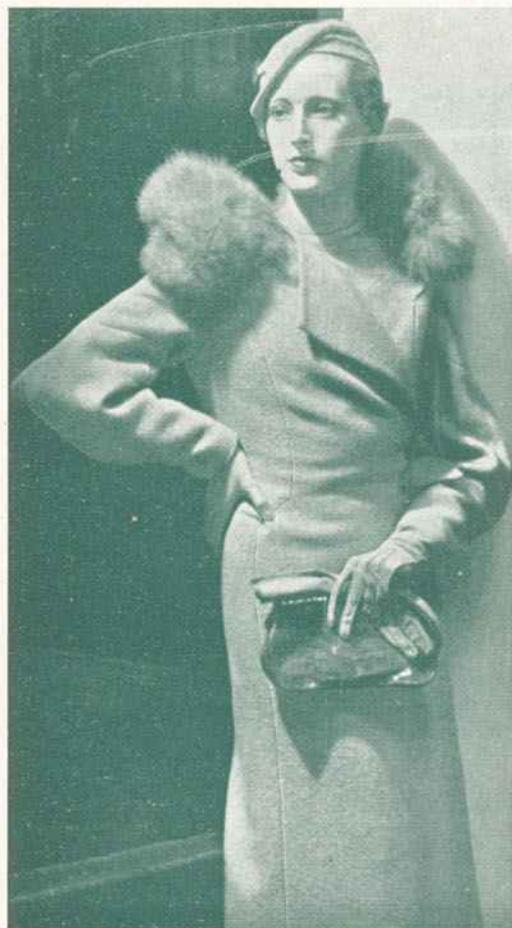
A moda primaveril tem o bom senso de não se apresentar excessivamente fresca, porque na verdade o tempo da primavera tão irregular, não se presta a que se usem muito, vestidos primaveris. A moda de meia estação, dá-nos pois confortáveis casacos, que nos abrigam do vento e da irregularidade da temperatura, como o lindo casaco modelo de Worth, que as nossas leitoras podem admirar neste número. Em lá «greige» é pelo seu corte uma alta elegância. A gola em raposa azul deixa o pescoço livre na frente e desce em ponta nas costas. Esta «toilte» é completada por um lindo chapéu de Louise Bourbon e por uma carteira de uma novidade muito «chic» de Alexandrine, a grande casa de carteiras de Paris elegante.

Damos às nossas leitoras a grande novidade em chapéus. Tem qualquer coisa na forma de um boné de casaco. É um modelo de Talbot em crêpe de seda verde pálido, trabalhado de forma a parecer palha e atado em volta, como guarnição, com dois cordões: um vermelho e outro branco. Usam-se estes chapéus no alto da cabeça, para alongar a «silhouette», pois cada vez está mais em moda a «silhouette» longa e esguia.

O casaco-vestido é um modelo de Augusta Bernard, em pano preto, com uma «écharpe» em crêpe verde pálido. É uma «toilette» muito moderna. No entanto devemos prevenir, que estes chapéus um tanto ousados, não convêm a tôdas as senhoras e que não favorecem todos os tipos. É sempre preciso nos chapéus fazer uma grande escolha e ver sobretudo o que fica bem.

Penteados

O penteado varia sempre, mas uma mulher, que se sabe arranjar, e que sabe tirar partido da sua beleza, não deve nunca, seguir cegamente a moda e um penteado, porque o cabeleireiro lhe diz que está na moda. O penteado depende em absoluto do rosto e do cabelo de quem o usa. Os cabelos lisos e pesados, não se podem pentear como os cabelos leais e frisados e apesar dos progressos que a arte de cabeleireiro tem feito, apesar das invenções, da ondulação permanente, há cabelos e tipos de mulher, que se não prestam de forma nenhuma a certos penteados. Mas a moda hoje em dia, nesse ponto, não é tirana e cada senhora pode escolher segundo o seu



tipo e o seu cabelo, a maneira de o arranjar de forma a fazer sobressair o seu tipo de beleza, e, a usar um penteado que favoreça e embeleze. Damos hoje dois modelos de penteado que marcam bem a diferença e que favorecem dois tipos de beleza, completamente opostos. Uma das raparigas que servem de modelo, é uma loira de feições irregulares e petulantes a quem uma leve e formosa cabeleira de caracóis aumenta a fresca beleza. A outra é uma morena, de feições corretas e beleza clássica, a quem fica maravilhosamente o penteado, em bandós lisos e repuchados atrás, fazendo sobressair a correção de feições e o lindo oval do rosto. Para usar este penteado é preciso não esquecer observar as orelhas. Só umas orelhas bonitas pequenas, bem feitas, rosadas, tem o direito de se mostrar desta maneira. É preciso ao escolher um penteado, que é a moldura do rosto, moldura que deve fazer sobressair o quadro, não esquecer o mais insignificante pormenor. Nessa arte, reside o sucesso de muitas senhoras.

As crianças

DAR alegria às crianças é darmos alegria a nós mesmos, e, portanto é ainda uma alegria egoísta, que nos enche de satisfação. Para isso nada melhor do que arranjar-lhes o quarto da boneca. Depois de ter mobilado e arranjado o quarto de sua filhinha, qual é a mãe que não compreende, o desejo de bebê, de dar à sua boneca preferida uma linda mobília de quarto que rivalise sendo preciso com a sua e que lhe dê a alegria de ver bem instalada a sua boneca «Lenci» miniatura dela própria com a sua expressão

agartada, que tão longe nos transportam das bonecas de loiça de olhar parado, que fizeram a delícia da nossa infância. Esta mobília é engracadíssima e nada lhe falta como podem ver. Ripolinada a cor de rosa e decorada a flores, é de um soberbo efeito e para a alegria duma mamã em miniatura.

A casa

Os livros são sempre difíceis de arrumar em casa, mas como são também os nossos companheiros, devemos sempre tê-los à mão. Damos hoje às nossas leitoras um modelo de estante para livros, precioso e prático; a estante que é sofá prateleira. Tem duas inegáveis qualidades. A de guardar os livros e a de nos fornecer um cómodo poiso, para nos estendermos a lêr, saboreando os nossos autores preferidos, que podemos assim ter à mão. Umhas bonitas almofadas guarnecem o sofá tornando-o mais cómodo e embelezando-o, dando à casa esse aspecto de conforto encantador e tão apreciado de todos os que têm o culto do interior, que trás inevitavelmente o culto da família e a sua união, e a mulher que torna bonita e atraente a sua casa enchendo a de conforto, trabalha sem sombra de dúvida para a sua felicidade.

Higiene e beleza

HÁ muitas senhoras, que com o perder as noites e com as brincadeiras de Carnaval, sobretudo os papelinhos, que tão apreciados são entre nós e que com tão pouca cerimónia são atirados aos olhos, se queixam de ter ficado com uma inflamação de olhos, mais ligeira numas do que noutras. As que tiverem pronunciada a inflamação devem dirigir-se a um especialista. As outras podem experimentar um ligeiro tratamento caseiro, muito eficaz. Esse tratamento consiste apenas no seguinte: Água fervida morna, com uns pingos de sumo de limão, de manhã e à noite. Faz arder muito, mas ao fim de 4 dias está-se bem. É mesmo recomendável o seu uso de vez em quando, porque faz os olhos muito brilhantes e bonitos e em nada prejudica.

Receitas de cozinha

Tortas de amêndoas: Duzentas e cinquenta gramas de amêndoas doces e algumas amargas, pisadas no almofariz, duzentas e cinquenta gramas de assucar em pó, cinco de sal, duzentas e cinquenta gramas de manteiga derretida, três ovos inteiros, clara e

gema. Junta-se tudo e mistura-se muito bem, juntando-se farinha, a que seja necessária para que fique uma massa dura. Põe-se esta massa num taboleiro grande ou em pequenos, à escolha. Em cima, com a ponta da faca traça-se-lhe uns quadrados. Metem-se no forno e deixam-se cozer pelo espaço de duas ou três horas, segundo o grau de calor do forno. Estas tortas conservam-se por muito tempo e são por isso muito úteis às donas de casa, que têm assim sempre uma reserva de bolos para chá o que é muito prático.

De mulher para mulher

Marieta: Não dê largas à fantasia, sem ter a certeza do que se trata. Pode ser um sentimento sério, mas pode também ser apenas um «flirt» de carnaval. Aguarde os acontecimentos e não se entusiasme demasiadamente. Às vezes as meninas deixando trabalhar a fantasia criam a si mesmas grandes desilusões.

Gentil: Quem lhe disse isso estava a brincar consigo. Só na quinta-feira de Endoenças é que se usa o vestido preto. Na Quaresma veste-se todas as cores. Se quer andar de preto, pode fazê-lo porque é sempre uma «toilette» «chic» mas não por obrigação.

Joaninha: Leia os livros de Alphonse Daudet. São muito interessantes e justamente da época que quer conhecer. *Jack, L'Immortel, Les Rois en Exil, Sapho, L'Évangéliste, Petit Chose*, descrevem bem essa época e são muito bem escritos.

Costumes

UMA antiquíssima tradição, costumes pitorescos, vaidade e ambição são os elementos da singular atmosfera das recepções dos Reis de Inglaterra. É um desejo ardente não só das inglesas, mas das filhas de outras nações, de ser apresentadas numa destas esplêndidas recepções no palácio, ao Rei, à Rainha, ao Príncipe de Galles e aos membros da Família Real. Gastam-se pequenos patrimónios em vestuários e jóias, que as apresentadas capricham em ostentar e no entanto trata-se de uma rápida recepção. Cada convidado é recebido separadamente. Arautos vestidos de seda branca, chamam uma após outra as novas apresentadas na Corte. E nas costas de cada uma apenas entra, é fechada a porta da sala do Trono. Desde a porta um tapete vermelho conduz através da longa e vazia sala



até ao trono onde o Rei e a Rainha rodeados de seus filhos estão sentados. O tapete vermelho parece de um comprimento interminável, à maior parte das apresentadas, e, raras são aquelas que conseguem conservar um aspecto desinvolto. Ao avançar chegado junto ao trono o Lord Camarista diz em alta voz o nome da pessoa apresentada, que se inclina numa reverência diante do Rei e em seguida da Rainha saindo sem dizer uma palavra. A recepção é esta: em seguida as senhoras vão ao fotógrafo para eternizar o seu aspecto no memorável dia. A família Real dirige-se em solene procissão às nove e meia da noite à sala do Trono. Abre o cortejo o Lord Camarista e outros funcionários do palácio. Os convidados já estão no palácio, porque as apresentadas pela primeira vez à família Real têm de se submeter nas antecâmaras da sala a uma inspeção cuidadosa. A Rainha leva à recepção um vestido de noite, que serve sempre de modelo para a estação oficial. Em geral de uma grande simplicidade porque a Rainha de Inglaterra é de uma elegância simples, na sua maneira de vestir. E eis no que consiste a grande distração que o snobismo impõe como a melhor de todas.

Eterna vaidade

A Dufresne escreveu com uma expressão feliz o seguinte: «As pessoas insignificantes seguem a moda, as pretenciosas exageram-na as de bom gosto aproximam-se dela». Mas onde a moda luta com a higiene é nos numerosos cosméticos, pinturas e pós que trouxe para as mulheres pintarem, os lábios, as faces, as sobrancelhas, os cabelos. A cara torna-se uma espécie de mesa de experiências químicas. A pele e os lábios são cobertos pelos mais variados emplastros. As sobrancelhas assumem as mais estranhas formas, o mais afastadas possível as que a natureza nos forneceu. Os cabelos com as mais estranhas tintas tornam-se áridos e estragam-se. Tinha razão Hamlet quando dizia a Ofélia: «Deus deu-vos um rosto e vós fazeis outro». Uma jovem e formosíssima senhora que tem a fortuna de possuir uma magnífica pele aveludada, um rosto fresco e uma bela cabeleira de azeviche disse, a uma pessoa que lhe perguntou um dia como é que não usava na sua carteira, nem «bâton», nem pó de arroz, nem ao menos um espelinho. «Em primeiro lugar porque desejo conservar a minha pele, não porque seja vaidosa, mas desejo conservá-la como o bom Deus me deu, e depois porque, quando penso que as mulheres de há milhares e milhares de anos se pintavam e quando leio que cores unguentos e pinturas, foram encontradas em vasos nos túmulos da época de Tutankamon penso, como é que as nossas mulheres se não envergonham de copiar assim as antepassadas. Vendo que as mulheres enlouque-

cem hoje pelas mesmas vaidades, que as mulheres de há seis mil anos, pergunto a mim mesma se passou um tão longo tempo inutilmente». Esta senhora não vê que a vaidade feminina é eterna e que nada a muda. Para ser bonita a mulher é capaz dos maiores sacrifícios.

A dança

ANDRÉ Levinson escreveu sobre a dança actual um volume que constitui um inquérito numeroso e completo sobre uma das artes mais florescentes do nosso tempo. «Em nenhuma época — escreve ele — a dança teatral conheceu uma tal voga como nos nossos dias. O seu desenvolvimento nunca foi tão tumultuoso e também tão confuso. Desenvolvem-se as formas tradicionais mas também as tendências opostas. A dança lição de todo o género de espectáculos. A revista de café-concerto e opereta. Por sua vez suporta muitas influências sobretudo a do desporto moderno. Um movimento duplo e contraditório arrasta os

subiu às montanhas da sua terra, para aplacar na solidão e na contemplação da natureza, a sua dor. Viveu a vida dos pastores e conheceu a sua miséria. Gomprou a cada pastor duas ovelhas e constituiu o primeiro rebanho dos pobres, destinado a aliviar a miséria daquela gente. Foi em Agosto de 1926. O rebanho cresceu, outros se formaram, todos os montanhezes davam de boa vontade uma ovelha para o rebanho e os que não tinham ovelhas davam uma esmola. O fruto do rebanho aumentou, beneficiando os pobres e os doentes e como a lã rende bem, formaram-se as «casas dos rebanhos». Nas montanhas e nos vales sob a direcção de religiosos e laicos ajudados pelos pastores, camponeses e operários, casas rodeadas de janelas. Já surgiu a primeira escola para ensinar aos pastores, agricultura e artes de ofício, dedicada a orfãos e abandonados. O rebanho maior é o do «Bom Pastor», outros mais pequenos são da «Madonna», de «San Nicola», de «San Biagio» e outros santos protectores. E nas procissões desfiliam com o pano, os rebanhos dos pobres.

Que fruto bendito o destas lágrimas sagradas e que exemplo a seguir.

O sono

A duração do sono varia segundo a idade e os temperamentos. A famosa escola de Palermo, dava uma média de oito horas de sono ao homem normal. Mas é uma regra que admite excepções. Um professor americano o doutor Donald Laird, director do laboratório de psicologia de Colgate, interrogou quinhentos dos seus compatriotas, de idade, entre 20 a 95 anos. Pelas detalhadas informações que recolheu, demonstra como certas noções geralmente admitidas, são falsas. Por exemplo, os homens de negócios, ocupados nas mais importantes empresas, dor-

mem completamente as 8 horas e são os jovens, que dormem menos. A idade crítica para o sono são os 35 anos. Nessa época toda a diminuição nas horas de sono prejudica a saúde. Antes ou depois desta idade a insónia tem consequências menos graves 70 por cento dos seus correspondentes declararam-lhe que tinham dificuldade em adormecer e que deviam recorrer a qualquer meio especial para facilitar o sono. O procedimento psicológico de contar até um certo número, de fazer esforços de memória, são usados por 32 por cento. 25 recorrem à leitura, 3 a drogas diversas e 2 recorrem ao alcool, e entre esses distintos professores da Universidade, o que demonstra que a lei seca, não é respeitada na América pelos intelectuais.

Pensamentos

Não há melhor amigo e parente do que nós mesmos.

O que não consegue o espírito junto ao desejo de agradar?

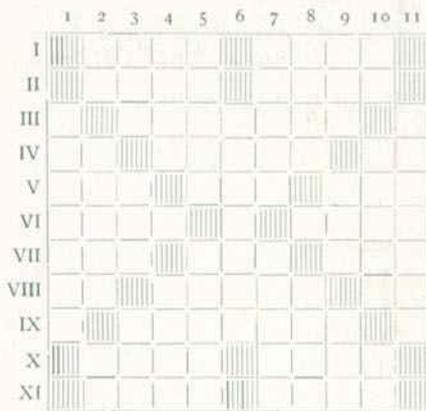


bailados de ópera em direcções opostas. Por um lado o renascimento dos bailados clássicos, que formam uma escola, por outro, a mania da novidade de que os bailados russos, com o seu fundo de nacionalismo são um exemplo. O esforço de Isadora Duncan a que Dalnosa deu uma base rítmica, se no teatro não tem progredido, tem suscitado um grande movimento nalguns países e há já numerosas e vastas organizações. Na Alemanha essas organizações têm uma multidão de adeptos. Ao mesmo tempo numerosos batalhões de «girls» anglo-saxónicas impõem-se com a sua disciplina automática, a sua cultura desportiva, mas por sua vez o seu estilo colectivo, vê-se ameaçado pelo exotismo africano e americano».

Lágrimas bemditas

UM poeta dos Abruzzos, na Itália, Alfredo Luciani, sofreu há anos a grande dor de perder o seu único filho. Mas a sua desventura foi fecunda no bem. O pai desolado

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:

I — Canção. — Iôdo. II — Nome próprio feminino. — Vila do Alentejo. III — Ilusão. IV — Advérbio — Relativo à noite. — Pronome. V — Espécie de enguia. — Filho de Noé. — Fluido aeriforme. VI — Estimado. — Nome familiar de Maria. VII — Lavra. — Título honorífico. — Ponto cardeal. VIII — Interjeição suspensiva. — Lugar-rejo. — Nota de música. IX — Unidade de calor. X — Língua sagrada de Ceilão. — Lugar de repouso. XI — Renque de árvores. — Discursar.

Verticais:

1 — Espora. 2 — Prefixo de origem árabe. — Ave trepadora. — Utensílio. 3 — Cheguêi. — Advérbio de tempo. — Serve para branquear. 4 — Erva doce. — Rego em uma peça de madeira. 5 — Deuses domésticos dos romanos. — Planta dos jardins. 6 — Coberto de areia. 7 — Andam ao acaso. — Limite. 8 — Arroz torrado. — Ligar. 9 — Afirmativa. — Escreve na ardósia. — Patrão. 10 — Carta de jogar. — Língua dravídica. — Fluido. 11 — Passar pelas armas.

EFEITOS DO RÁIO

Conhece-se um certo número de efeitos curiosos do rãio. Citam-se homens que foram despidos de tãda a roupa dos pães à cabeça, e que, no entanto, depois duma rãpida perda de sentidos, voltaram à vida. Outros foram simplesmente descalçados e os sapatos encontrados a mais de 50 metros de distância. Ha ainda casos, em que uma bolsa de prata se derreteu dentro do bolso, sem que a pessoa sentisse mais do que uma comoção.

Ultimamente um habitante de Verona (Itãlia) estava caçando com um filho quando, sobrevindo uma trovoada, foram os dois atingidos por um rãio. O pai teve tãda a roupa dilacerada e os sapatos foram mesmo arrancados; ficou sem sentidos durante duas horas e sãmente depois dãsse tempo conseguiram fazê-lo voltar à vida. Tãda a pele do corpo estava queimada, e dois timpanos arrebrandos. O filho foi mais feliz: teve sã uma paralisia passageira em parte do corpo.

Provavelmente foram as armas que carregavam as culpas dãsse terrivel acidente.

Provérbio chinês

Nã se ama nunca suficientemente a pessoa que se ama: porque esquecemos que ela pode morrer.



A «CASA BRANCA»

A razão óbvia pela qual a residência oficial do Presidente dos Estados Unidos da América passou a ser conhecida como «Casa Branca», é a cor de que a dita casa está pintada, tendo havido um motivo curioso para a escolha dessa cor. Durante o mandato do Presidente Madison,



quando se estava travando guerra entre a Inglaterra e a América, a casa foi alvejada pelos canhões das tropas britãnicas e sãriamente atingida. Tendo cessado as hostilidades foi a casa restaurada e a pedra enegrecida pelo fogo foi pintada de branco para apagar as marcas da artilharia.

BRIDGE

Espadas. — Dama, 10.
Copas. — 5, 4, 3.
Ouros. — Dama, 9, 7.
Paus. — 9, 6.

Espadas. — 3, 6, 7, 9.
Copas — 2, 6.
Ouros. — Valette.
Paus. — 3, 5, Dama.

A Espadas. — Valette, 8.
C D Copas. — Rei, Valette, 9, 8.
Ouros. — Rei, 10, 8.
B Paus. — 2.

Espadas. — 4.
Copas. — Az, Dama, 10, 7.
Ouros. — Az, 3.
Paus. — Rei, 10, 4.

Sem trunfo. B é mãe e só dá duas vasas aos adversãrios.

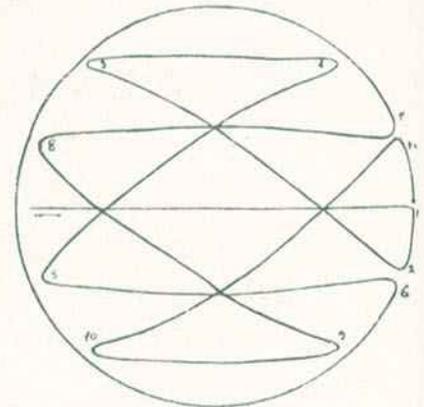
PASSATEMPO



Onde estão mais cinco convidados?

O CIRCULO DE CONFUNCIO

(Solução)



Por esta gravura se vê que basta dobrar onze ângulos para percorrer tãda a figura na fãrma requerida. A solução exige que o traço mude de direção o menor nãmero de vezes, e por conseguinte é a ùnica preferivel.

PROBLEMA DE XADREZ

(Solução)

1 — C 2 D 1 — PR X C ou P 7 R
2 — D 1 CR + 2 — P 6 R
3 — D 4 CR + 3 — P 5 R
4 — D 7 CR + +
Se 1 — PR X C ou
2 — D 1 TD + etc.

Concurso Fotográfico entre Amadores organizado pela «Ilustração»

Devido ao grande nãmero de provas fotogrãficas que foram enviadas ao Concurso Fotogrãfico entre Amadores, que a «Ilustração» organizou e que estão sendo apreciadas por um juri composto pelos srs. dr. Samuel Maia, Alfredo Moraes, Ferreira da Cunha, tãcnico e reporter fotogrãfico, que alcançou o Grande Prãmio de Honra na Exposição Industrial Portuguesa e Alvaro de Andrade, chefe de redação da «Ilustração», não nos é possivel inserir ainda hoje o resultado da classificação, o que faremos no prãximo nãmero. Alãm dos nomes dos contemplados, a «Ilustração» publicarã as provas fotogrãficas que alcançarem os 1.º, 2.º e 3.º prãmios de Originalidade, Perfeição e Movimento.

ANECDOTAS

Maledicencia:

— Dize-me cã; porque é que a Leonor vae casar com o velho Bonifãcio?

— Porque não tem outra maneira de ser sua viuva!...

• • •

— Então o Peres levou uma bofetada?

— Uma bofetada de primeira ordem, dada com alma.

— E ãle o que respondeu?

— Nada. As grandes dãores são mudas.

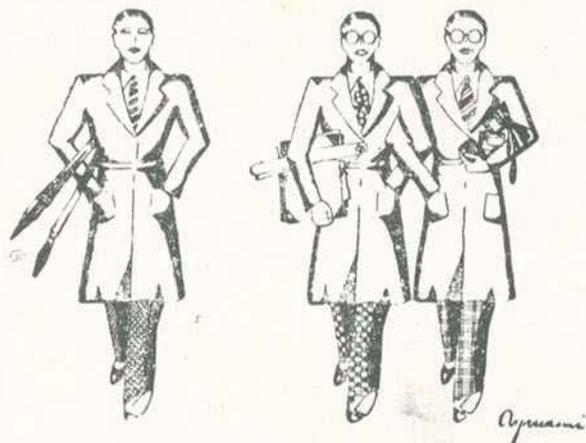
• • •

— O coração, exclamou o poeta, é um cofre, que só o amor pode abrir.

— Serã, replicou o cãnico; mas o dinheiro é uma chave, que pode fazer exactamente a mesma coisa.

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
21368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas | brochado 10\$00
| encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época
presente, em que a febre de enri-
quecer se faz sentir mais do que
nunca

1 vol. de 264 pag., br. 8\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.ª EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00

Encadernado 14\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

;; ENCADERNADOR - DOURADOR ;;

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposi-
ções a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE
HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária
e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo**

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA

Telefone 2 2074

A' venda a 2.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00
Encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR

AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário

2.^a EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Antologia Portuguesa

Verdadeiro tesouro da língua portuguesa, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos os melhores prosadores e poetas portugueses, antigos, modernos e contemporâneos

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo

Dr. Agostinho de Campos

Volumes já publicados:

- Afonso Lopes Vieira** (1 vol.)
- Alexandre Herculano** (1 vol.)
- Antero de Figueiredo** (1 vol.)
- Augusto Gil** (1 vol.)
- Camões lírico** (4 vols.)
- Eça de Queirós** (2 vols.)
- Fernão Lopes** (3 vols.)
- Frei Luís de Sousa** (1 vol.)
- Guerra Junqueiro** (1 vol.)
- João de Barros** (1 vol.)
- Lucena** (2 vols.)
- Manuel Bernardes** (2 vols.)
- Paladinos da linguagem** (3 vols.)
- Trancoso** (1 vol.)

Estes volumes são do formato de 12×19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado 12\$00

Cada volume encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.^a EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas, encadernado em percalina

Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos
por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de
CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos *para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata*

1 volume de 300 páginas, brochado . . . 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

Por **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortezar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

LIVROS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. .	12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc.	14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de História de Arte, 1 vol. enc.	25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc.	14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc.	14\$00
O livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

História Universal

do grande historiador alemão

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e seguidamente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres, representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc. Impressa em esplêndido papel, *hors-texte* em papel *couché*, in-4.º.—Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume

Já publicados

110 tomos — 19 volumes

Accitam-se assinaturas desde o início, facultando-se, a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada volume, encadernado	65\$00
Cada tomo, brochado	8\$00
Encadernação por cada volume	25\$00
Capas para a encadernação	15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado	20\$00
Encadernado.	28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda em todas
as boas livrarias

A 7.ª EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 375 páginas {	brochado	12\$00
	encadernado.	16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O genial romance da guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlândia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broch. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Formidável éxito livreiro!

A novela anti-clerical

A Amante do Cardeal

por BENITO MUSSOLINI

Chefe do fascismo italiano e signatário do TRATADO DO LATRÃO — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento

1 vol. de 222 págs., broch. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1. ^a edição), 1 vol. br.	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5. ^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2. ^a ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2. ^a edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4. ^a ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2. ^a edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2. ^a edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMÓN DE CAPICHUELA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — 2. ^a edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3. ^a edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.^o e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.^o com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.^o com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.^o com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



UMA SAUOAVEL CREANÇÁ

"A minha filhinha está encantadora, e uma creança alegre e saudavel graças á deliciosa "Ovomaltine" que lhe ajuda o crescimento e a faz feliz."

Isto escreve a mãe desta alegre pequenina. Para ela a "Ovomaltine" é o alimento ideal, durante o desenvolvimento da creança, porque concentra em si todos os elementos nutritivos de que carece o seu crescimento, dando-lhe toda a energia para os seus poucos anos. Dai "Ovomaltine" aos vossos filhos e sereis felizes.

OVOMALTINE

é a saúde

DR A WANDER, S. A. — BERNE

A venda em latas de 110, 250 e 500 gr., respectivamente aos preços de 8\$50 16\$00 e 30\$00

Unicos concessionarios para Portugal
ALVES & C^o (IRMAOS)
Rua dos Correios, 41 2^o — LISBOA